

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**(Des)Construindo o *Puzzle* da Satisfação Sexual – Significações de
Indivíduos Heterossexuais em Coabitação**

Inês Vigário Nunes

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**(Des)Construindo o *Puzzle* da Satisfação Sexual – Significações de
indivíduos heterossexuais em coabitação**

Inês Vigário Nunes

Dissertação orientada pela Prof. Doutora Isabel Narciso Davide

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2011

“A good writer possesses not only his own spirit but also the spirit of his friends”

Nietzsche

À professora Doutora Isabel Narciso, que orientou o processo desta dissertação. Pelas suas críticas e sugestões e, essencialmente, por partilhar nas suas palavras e no seu olhar o espírito questionador;

À Dra. Patrícia Pascoal, por me receber, pelo entusiasmo, pela confiança, pelo sorriso inspirador;

Aos professores do núcleo de sistémica: à Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro, ao Professor Doutor Wolfgang Lind e ao Professor Doutor Luís Miguel Neto, pela partilha do pensamento sistémico, pelas histórias e aprendizagens partilhadas; e à Dra. Rita Francisco pela calma e paciência que transpareceu no auxílio desta dissertação;

Aos meus pais, porque sem eles nada disto seria possível;

Ao meu irmão, Pedro, por me conhecer e partilhar comigo as alegrias e os desesperos, por inventar comigo novas formas de ser, de construir as vitórias e preparar-me para as desilusões, por me ensinar que a vida tem muito mais sentido quando crescemos em conjunto;

À minha tia, Antonieta, pela disponibilidade, pela amizade, por acreditar em mim, e por me mostrar, desde cedo, que há todo um mundo lá fora.

Aos amigos e amigas que, presentes ou ausentes, foram o meu suporte incondicional; pela paciência, pela espera, pelas discussões e conversas sem fim, obrigada.

Às meninas da faculdade, que partilharam comigo tantos momentos dentro e fora do nosso mundo. À Banshee por me acompanhar deste o primeiro dia e me apoiar em todos os passos; à Rita por nunca deixar de acreditar e partilhar comigo risos e lágrimas; à Rato por ser uma força natural e pelas festinhas; à Carina, Teresa e Leonor, pelo refúgio e apoio nestes últimos anos. E às meninas sistémicas pela partilha constante e alegria contagiante;

Ao grupo de teatro, com quem partilhei tantos momentos, sendo nós e os outros, e as personagens, sempre os mesmos. Obrigada pela tranquilidade e força.

A todos e todas que partilharam comigo momentos infinitos ao longo deste percurso;

Obrigada.

Resumo

No presente estudo exploratório, pretende-se explorar as significações associadas à definição de satisfação sexual para indivíduos com relação de conjugalidade em coabitação. Com isto, espera-se contribuir para a investigação em sexualidade através da criação de uma base de conhecimento sobre as significações mais salientes na compreensão da satisfação sexual. A sexualidade e conjugalidade são conceitos associados, consequentemente, o seu estudo pressupõe a exploração de dimensões complexas através duma perspectiva sistémica e ecológica, considerando aspectos individuais, relacionais, sexuais e contextuais. A investigação é assim, organizada no sentido de mapear as peças relevantes no *puzzle* da satisfação sexual, partindo da *voz* dos participantes. Para tal, esta investigação recorre a uma metodologia qualitativa, baseada num paradigma construcionista de recolha e análise interpretativa de dados. A amostra consiste em 681 indivíduos, tendo sido objecto de estudo as suas significações atribuídas à satisfação sexual. Estas foram analisadas quanto à sua saliência no universo de respostas e, ainda, de acordo com três critérios: (1) sexo dos participantes; (2) faixas etárias – jovens adultos (20-35 anos), adultos (35-50 anos) e adultos a partir da meia-idade (+50 anos); e (3) indicação de presença ou ausência de dificuldade sexual; mapeando as diferenças entre sub-amostras. As significações referentes à *Relação Sexual* e *Relação Conjugal* foram as mais salientes na amostra total, evidenciando-se esta última nas respostas femininas. A *Intimidade*, tanto conjugal como sexual, e o *Prazer* destacaram-se também como significações relevantes para o total da amostra. Foram encontradas, ainda, possíveis associações entre significações que poderão ser exploradas em futuras investigações.

Palavras-chave

Satisfação sexual; Conjugalidade; Satisfação Conjugal; Significações.

Abstract

In the current exploratory study, our aim is to explore the significations attributed to the definition of sexual satisfaction for cohabiting spouses. With this in mind one aims to contribute to the ongoing investigation in the broader field of sexuality through the creation of a knowledge base or databank on the most influential significations in terms of understanding the meaning of sexual satisfaction. Sexuality and marital life are interconnected concepts, therefore their study assumes the exploration of complex dimensions through a systemic and ecologic approach with personal, relational, sexual and ultimately contextual aspects taken into consideration. Thus, the research herein developed is organized in such a way so as to map the relevant pieces of the sexual satisfaction puzzle according to the participants' expression or voice. With this purpose under aim this research uses a qualitative approach, bearing in mind the constructivist paradigm of data gathering and analysis. The sample used consists of 681 individuals queried on the significations given by them to sexual satisfaction. The replies have been treated according to their weight amongst the universe of replies as well as according to three main criteria: (1) Participants' sex; (2) Age range – young adults (20-35 years old), adults (35-50 years old) and middle-aged adults and onwards (50+ years old); (3) The presence or absence of sexual difficulties. The difference between sub-samples has also been taken into consideration and mapped out as well. The significations concerning *sexual relationship* and *marital relationship* stood out as being the most important amongst the universal sample, especially amongst feminine replies. *Intimacy*, both sexual and marital, and *Pleasure* also stood out as relevant significations in the total sample. Plausible associations between significations have been also found and pointed out and may be used for future investigations in the field of research at hand.

Keywords

Sexual satisfaction; Marital status; Marital satisfaction; Significations.

ÍNDICE

Introdução	1
1. Enquadramento Teórico	2
1.1. Relações Amorosas	2
1.2. Relações de conjugalidade, qualidade e satisfação conjugal	3
1.3. Satisfação Sexual	6
1.3.1. Satisfação Sexual na Relação Conjugal	7
1.3.1.1. Satisfação sexual e satisfação conjugal	7
1.3.1.2. A intimidade na satisfação	8
1.3.1.3. A comunicação na satisfação	9
1.3.2. Factores centrados na sexualidade	10
1.3.2.1. Prazer e desejo sexual	10
1.3.2.2. Satisfação e funcionamento sexual	10
1.3.3. Satisfação sexual, idade e sexo	11
1.3.3.1. Satisfação em diferentes faixas etárias	11
1.3.3.2. Satisfação no feminino e no masculino	12
2. Processo Metodológico	13
2.1. Enquadramento metodológico	13
2.2. Desenho da investigação	14
2.2.1. Questão inicial	14
2.2.2. Mapa conceptual	15
2.2.3. Objectivos	16
2.2.4. Questões de investigação	16
2.3 Estratégia metodológica	17
2.3.1. Processo de selecção e caracterização da amostra	17
2.3.1.1. Selecção da amostra	17
2.3.1.2. Caracterização da amostra	17
2.3.2. Instrumentos utilizados	18
2.3.3. Procedimento de recolha de dados	19
2.3.4. Processo de análise dos dados	19

3. Apresentação e discussão de resultados	21
3.1. Categorias Emergentes quanto às significações de satisfação sexual	21
3.1.1. Ambiência	22
3.1.2. Características Pessoais	22
3.1.3. Relação Conjugal	22
3.1.4. Relação Sexual	23
3.2. Análise das significações mais salientes	23
3.3. Análise das significações mais salientes no feminino vs masculino	27
3.4. Análise das categorias mais salientes em diversas fases do ciclo de vida	30
3.5. Análise das Significações de Satisfação Sexual na população com vs sem dificuldade no Funcionamento Sexual	32
Conclusão	37
Referências Bibliográficas	40

Índice de Figuras

<i>Figura 1.</i> Quadro de referência conceptual	15
--------------------------------------------------	----

Índice de Apêndices

Apêndice I – Esquema representativo das Categorias Superiores Emergentes

Apêndice II – Descrição das Categorias Emergentes¹

Apêndice III – Esquema representativo da secção da árvore: Ambiência e Características Pessoais

Apêndice IV – Esquema representativo da árvore da categoria Relação Conjugal

Apêndice V – Esquema representativo da árvore da categoria Relação Sexual

Apêndice VI – Categorias mais salientes na amostra total

Apêndice VII - Caracterização da amostra de acordo com as variáveis estudadas¹

Apêndice VIII – Comparação das categorias mais salientes entre sexos

Apêndice IX - Comparação das categorias mais salientes entre faixas etárias

Apêndice X - Comparação das categorias mais salientes entre

Apêndice XI - Diagrama relativo às associações de categorias superiores¹

Apêndice XII – Resumo das codificações¹

¹ Apêndices exportados do *software* Nvivo9

Introdução

Com o presente estudo², pretende-se contribuir para a compreensão da satisfação sexual de casais heterossexuais, com relação de conjugalidade em coabitação. A relação de casal pressupõe uma relação amorosa íntima e o seu bem-estar e qualidade relacional são influenciados por diversos factores, entre os quais a intimidade, física e emocional, e a sexualidade conjugal, que constituem os pilares fundamentais da avaliação positiva do estado relacional feita pelo casal (Jackson & Scott, 2010; Garcia & Cano, 2009; Trudel, 2002; Fletcher, Simpson, & Thomas, 2000; Reis & Shaver, 1988). Torna-se fulcral, assim, explorar as diferentes variáveis relacionadas com a conjugalidade e sexualidade para que se possa constituir uma base para a compreensão da avaliação subjectiva efectuada por cada elemento do casal relativamente à sua satisfação sexual (Sprecher & Cate, 2004; Byers, 2001; Lawrence & Byers, 1995). O estudo neste âmbito, i.e. da sexualidade e conjugalidade no sistema casal, articula-se, necessariamente, em dimensões complexas (Morin, 2001) e implica a consideração de variados factores da esfera individual, relacional e contextual (Bronfenbrenner, 1979). A investigação na área da sexualidade implica, consequentemente, uma consideração de uma multiplicidade de factores que se influenciam e relacionam numa dinâmica de circularidade e complexidade, mas também com um mundo de significações que os interliga. Esta investigação representa uma contribuição para o desenvolvimento nesta área de conhecimento, pois pretende explorar o universo de significações relativas à satisfação sexual, partindo da voz dos indivíduos. Para tal, baseia-se num paradigma teórico construcionista e numa metodologia qualitativa (Guba & Lincoln, 2000).

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos: I) Enquadramento teórico, onde se efectua uma revisão e reflexão sobre os principais estudos e temáticas relacionadas; II) Fundamentação e descrição da metodologia utilizada na recolha dos dados; III) Apresentação e discussão dos resultados obtidos e IV) Reflexão final sobre os resultados obtidos, limitações e perspectivas para o futuro da investigação.

² O presente estudo enquadra-se na investigação mais vasta da Mestre Patrícia Pascoal, que visa a temática da sexualidade e os diferentes factores que contribuem para a qualidade das relações interpessoais íntimas. Inserida no projecto de doutoramento em Psicologia Clínica – Contributo de variáveis individuais e relacionais para a satisfação sexual de pessoas em relação de conjugalidade, com e sem problemas sexuais; supervisionado pela Professora Doutora Isabel Narciso Davide da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e pelo Professor Doutor Nuno Monteiro Pereira da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Enquadramento Teórico

1.1. Relações amorosas

Ao longo da nossa vida, estabelecemos relações de natureza diversa, vivemos inseridos em diversos sistemas que interagem entre si de forma única e variável, formando uma teia complexa de factores que contribuem para o desenvolvimento do indivíduo e das suas interações com os outros – seja nas relações de pares, familiares ou na sociedade (Bronfenbrenner, 1979).

A relação constitui diferentes formas de interacção com os outros e é através da forma dessa interacção que podemos observar e especificar um fenómeno não directamente observável como a relação; mas é também através desta que, a um nível mais cognitivo, conseguimos prever a forma e conteúdo da interacção (Narciso & Ribeiro, 2009). As relações amorosas constituem, pois, um dos diversos tipos de relação que desenvolvemos no nosso ciclo de vida, e funcionam segundo características específicas que serão brevemente mencionadas de seguida.

As relações íntimas destacam-se das interacções sociais regulares, uma vez que estas são vistas como únicas, em que os parceiros exercem uma influência mútua nos comportamentos de cada um, por um período de tempo e nas quais as representações mentais da relação para os envolvidos são idiossincráticas através de várias dimensões (Reis, Collins, & Berscheid, 2000). Relativamente às características das relações amorosas, de acordo com Reis e Shaver (1988) uma relação interpessoal íntima é definida pela existência de interacções íntimas, baseadas em aspectos inter-relacionados como por exemplo, a confiança, a reciprocidade, o compromisso e o conhecimento mútuo partilhado. Os autores acrescentam que estes aspectos se incluem num processo que implica auto-revelação e responsividade entre parceiros quanto aos objectivos, necessidades, disposições e valores de cada elemento envolvido na relação. A sua conceptualização implica, pois, a intimidade como um processo interpessoal importante no estabelecimento de relações de casal. Além da percepção de uma intimidade forte, também a partilha de interesses e objectivos, uma comunicação aberta e uma vinculação segura parecem contribuir para o estabelecimento de uma relação (Sanderson, Keiter, Miles & Yopyk, 2007). Assim, a relação amorosa é privilegiada na sua formação, uma vez que parte de afectos e está na base da criação de um sistema diferenciado, como um

todo que se constitui através da interdependência³ das suas partes, tendo uma natureza que não é só determinada pelas propriedades de cada parceiro mas também pela interacção das propriedades dos dois, e do ambiente social e físico em que estes interagem (Reis et al., 2000).

Na criação de um subsistema relacional, devem, então, ser consideradas referências próprias, do outro e da própria relação, uma vez que a vivência a dois implica uma construção do *Nós*, sendo este todo mais que as suas partes constituintes. Como sugerem Caillè (1991) e Morin (2001): a individualidade de cada elemento da relação com a sua complexidade e circunstâncias.

Inerente às relações amorosas está o amor romântico. Este é equacionado como um afecto positivo, específico, que se manifesta em emoções, sentimentos, atitudes e comportamentos que associa o *gostar* com o desejo sexual (Berscheid, 2006). Os comportamentos de procura de proximidade e apoio nas relações amorosas ocorrem ao longo da vida, podendo, em certa medida, ser influenciados pela existência de *modelos internos de funcionamento* que se baseiam na vinculação em criança e ajudam a delinear as relações românticas como um processo (Hazan & Shaver, 1987). No entanto, este processo na vida adulta distingue-se daquele em criança, uma vez que é agora estabelecido entre pares, não é destacada de outros sistemas comportamentais e inclui frequentemente relações de natureza sexual (Weiss, 1982 *citado por* Canavarro, 1999).

Algumas relações amorosas enquadram-se no contexto da conjugalidade, que será mais especificamente abordado de seguida.

1.2. Relações de conjugalidade, qualidade e satisfação conjugal

A conjugalidade representa um marco relevante na vida da maioria dos indivíduos adultos, sendo um subsistema privilegiado que, numa aceção sistémica, é constituído pela complementaridade e integração de dois sistemas distintos, oriundos das famílias de origem de cada um dos envolvidos na relação (Sampaio & Gameiro, 1985). As relações de conjugalidade implicam um processo constante de equilíbrio entre o sentimento de individualidade e de pertença, a negociação de fronteiras entre os elementos e entre os outros sistemas (Relvas, 1996). A realidade conjugal deve ser considerada como a procura constante de equilíbrio entre a definição do próprio e do

³ O termo interdependência, segundo Pina Prata (Narciso, I. em aula) parece de certa forma colmatar a amplitude da relação complexa entre dois indivíduos independentes mas em relação.

cônjuge sobre a realidade do subsistema conjugal e essa mesma realidade; requerendo esta vivência a dois um jogo, que se desdobra no eixo da fusão – autonomia, que leva os parceiros na relação a quererem uma individualidade vivida em conjunto (Aboim, 2006). A constituição de um subsistema conjugal adquire uma importância primordial nos alicerces das relações de casal, uma vez que implica a clarificação de fronteiras com outros sistemas, a definição do modelo conjugal e o desenvolvimento de uma comunicação funcional (Alarcão, 2006).

Ao procurar e constituir uma relação conjugal, o indivíduo foca-se em características como o sexo, o valor percebido e o contexto relacional que procura (Regan, 1998). Para tal, tende a considerar factores como a atracção interpessoal, a comunicação emocional e o estabelecimento de vinculação (Guerrero, Farinelli, & McEwan, 2009), mas também tem *a priori* expectativas quanto à satisfação, bem-estar e felicidade na relação (Garcia & Cano, 2009; Trudel, 2002).

Apesar da diversidade de estudos sobre a dissolução de relações e factores de risco de uma relação, (McCabe, 2006), recentemente a investigação tem-se focado nos aspectos protectores, ou seja, nos preditores de uma relação satisfeita e feliz (Lind, 2008). No domínio da conjugalidade, a satisfação conjugal tem sido amplamente estudada, sendo um ponto fulcral na felicidade do casal (Narciso, 2001), considerada, frequentemente, como o melhor indicador de sucesso conjugal. A qualidade da relação romântica tem vindo a ser estudada sob várias designações (satisfação, qualidade, felicidade, ajustamento conjugal, etc.) que evidenciam a subjectividade inerente à avaliação da relação (Trudel, 2002; Graham, Diebels, & Barnow, 2011) e, ainda, a dificuldade relativa à sua definição, operacionalização e avaliação (Graham et al, 2011). A satisfação conjugal global pode ser considerada como uma peça central no “*puzzle*” da conjugalidade (Narciso, 2001), em que diferentes peças de diferentes naturezas estão a ela associadas. De acordo com este modelo, essa peça central de satisfação global depende de conjuntos de peças que não são estáticas, pois derivam de processos dinâmicos em sistemas vivos, ou seja, não lineares. Distinguem-se factores centrípetos, centrífugos e de tempo ou percurso de vida conjugal, que resultam em diferentes conjunções das peças do “*puzzle*” e criam diferentes quadros relacionais.

A satisfação depende da avaliação que cada elemento faz da relação, e essa apreciação é subjectiva e influenciada por um vasto leque de variáveis, que actuam sobre a percepção de ambos os envolvidos na relação e, consequentemente, sobre a sua satisfação (Garcia & Cano, 2009). A satisfação implica, ainda, um nível de insatisfação,

ambos os elementos do casal têm de considerar os aspectos positivos e os aspectos negativos de forma a convergir numa avaliação fidedigna do todo que é a relação (Erbert & Duck, 1997). A subjectividade inerente ao estudo da satisfação como uma avaliação global da relação levou a que se considerassem formas de operacionalizar essa mesma avaliação, tendo surgido uma variedade de factores que estão correlacionados positivamente com a satisfação conjugal (Fincham & Beach, 2006).

A satisfação conjugal tem sido estudada por diversos teóricos, estes têm demonstrado que, uma miríade de factores diferentes e as suas inter-relações contribuem para a avaliação positiva ou negativa da totalidade da relação. É por isso determinante explorar esses factores para a compreensão da satisfação (McCabe, 2006). Isto pressupõe que a satisfação conjugal seja estudada sistemicamente, considerando o contexto, uma vez que o suporte social é também um factor fulcral para a qualidade e bem-estar na relação conjugal, quer pela influência de outros sistemas no sistema conjugal quer pela importância do contexto familiar e social no desenvolvimento e manutenção de uma relação (Sarason & Sarason, 2006).

Vários estudos empíricos demonstraram a ligação positiva entre satisfação conjugal e uma diversidade de factores. Na avaliação global, devem considerar-se diferentes componentes específicos da própria relação, como o sexo, a intimidade, o compromisso e a comunicação (Fletcher et al., 2000). Também a duração da relação revelou alguma influência na satisfação relacional, especialmente porque o tempo de relação implica diferentes investimentos na mesma e, conseqüentemente, influencia a percepção de qualidade conjugal (Lachance-Grzela & Bouchard, 2009). A fase do ciclo de vida é, igualmente, um factor na avaliação da relação, sendo a influência da satisfação do casal influenciada pela satisfação com a vida sexual e a qualidade de vida experienciada em cada fase (Greef, 2000). A satisfação relacional será ainda influenciada por acontecimentos como o nascimento do primeiro filho e transição para a parentalidade (Lawrence, Rothman, Cobb & Bradbury, 2009; Mitnick et al., 2009). Em acréscimo, a comunicação, as estratégias de resolução de conflitos, o suporte recíproco entre os membros e as crenças na auto-eficácia conjugal podem influenciar, de igual modo, a avaliação subjectiva que é feita da relação, relacionando-se normalmente com níveis elevados de satisfação conjugal que, por sua vez, implicam níveis elevados de bem-estar individual nos envolvidos na relação (Tani & Steca, 2007). Similarmente o tipo de vinculação na idade adulta, próprio e do parceiro, poderá influenciar a satisfação com a relação (Butzer & Campbell, 2008), assim como o compromisso com a religião e

respectiva visão religiosa sobre a sexualidade (Trudel, 2002; Lopez, Riggs, Pollard, & Hook, 2011). Por último, referimos que a avaliação que cada elemento do casal faz dos seus comportamentos de manutenção da relação e da sua comunicação sexual também demonstrou ter efeitos preditores na satisfação conjugal (Johnson, 2010). Seguidamente, centrar-nos-emos na sexualidade nas relações conjugais.

Numa relação conjugal, de casamento ou de coabitação, a sexualidade tem uma contribuição na satisfação do casal, uma vez que é uma peça primordial no aprofundamento e consolidação da intimidade (McCarthy, 2003). A actividade sexual é um factor que contribui para a satisfação do casal, na medida em que ambos os envolvidos ponderam o conjunto do prazer próprio e o do outro, mas também a frequência de actividades sexuais para avaliar a sua satisfação sexual, no entanto estes aspectos não contribuem para a satisfação conjugal isoladamente (Smith et al., 2011).

A avaliação positiva da relação global está relacionada com valores mais altos de satisfação sexual e menos problemas de funcionamento sexual, pelo menos nas mulheres (Witting et al., 2008). A partir do que foi revisto em literatura, a satisfação sexual parece sobressair, de entre os diferentes aspectos que contribuem para a avaliação subjectiva positiva da relação global do casal, como factor relevante. Contudo, os seus efeitos na satisfação conjugal podem ser moderados por uma diversidade de factores que se conjugam entre si de forma específica para cada casal em cada contexto, como são exemplo o sexo, a idade, o nível de educação dos membros do casal, número de filhos e condições de saúde (Guo & Huang, 2005).

1.3. Satisfação Sexual

O estudo da sexualidade na conjugalidade implica uma abordagem multidisciplinar. Há que considerar, por conseguinte, os processos dinâmicos que conferem aos comportamentos sexuais um significado contextual mas também um significado individual. Apesar de se reconhecer a interacção recíproca entre factores emocionais e sexuais, a satisfação sexual é mediada por vários factores sexuais e não sexuais (Sprecher, Christopher, & Cate, 2006).

O modelo de troca interpessoal de satisfação sexual (IEMSS) define satisfação sexual como uma resposta afectiva que provém da avaliação subjectiva das dimensões positivas e negativas, ganhos e perdas, associados à relação sexual (Lawrence & Byers, 1995; Byers, 2005), concebendo o grau em que o indivíduo está satisfeito com o aspecto sexual da sua relação (Sprecher & Cate, 2004). Essa avaliação que é feita a nível

individual vai reportar aspectos inerentes à relação e contexto de vida do indivíduo, apesar de deverem ser considerados outros aspectos relevantes para esta avaliação, como o bem-estar individual (Davison, Bell, LaChina, Holden & Davis, 2009). Assim, a sexualidade tem a sua própria narrativa, distinta em diferentes idades e em função do sexo, que, embora não seja independente dos factores da relação, não reflecte apenas a imagem desta (Perel, 2008). Na compreensão do funcionamento sexual, é importante distinguir aspectos relativos à própria sexualidade, a factores individuais, relacionais e contextuais (Nichols, 2008).

1.3.1. Satisfação sexual na Relação Conjugal

1.3.1.1. Satisfação Sexual e Satisfação Conjugal

A sexualidade é um dos aspectos associado a relações de conjugalidade que muito interfere com satisfação e estabilidade conjugal (Jackson & Scott, 2010). Muitos dos factores que influenciam a satisfação conjugal afectam também a satisfação sexual, uma vez que a satisfação sexual é descrita como um dos mais importantes componentes da felicidade e funcionamento conjugal (Trudel, 2002). É importante compreender este conceito de forma a perceber a influência que pode ter a nível mais geral no indivíduo e nas suas relações, partindo dos dados que nos indicam que há uma relação positiva entre satisfação sexual e qualidade conjugal (Young, Denny, Luquis, & Young, 1998; Sprecher & Cate, 2004). Vários autores relatam a associação entre satisfação conjugal e satisfação sexual (Trudel, 2002; Byers, 2005; Litzinger & Gordon, 2005; Perel, 2008), demonstrando uma relação positiva entre estas duas variáveis. Trudel (2002) revelou que há relação positiva entre funcionamento conjugal e comportamentos sexuais mas que variáveis cognitivas como as atitudes e fantasias sexuais tinham maior influência na satisfação sexual mas menor impacto no funcionamento conjugal. Também a auto-revelação é um factor com relação positiva com a satisfação sexual, uma vez que possibilita um *feedback* positivo para quem revela (MacNeil & Byers, 2009).

Pode concluir-se, do que foi referido acima, que a relação entre a satisfação conjugal e a satisfação sexual tem sido estudada por diversos autores. Esta relação é positiva, no entanto, não representa uma relação linear, uma vez que a relação pode ser directa e causal entre aspectos sexuais e não sexuais, mas as dimensões sexuais podem influenciar os próprios processos relacionais, como a comunicação sexual e os conflitos (Sprecher et al., 2006). Estudos demonstraram uma relação entre ambas apesar de uma forte ligação para os homens entre satisfação sexual e qualidade da relação (Sprecher,

2002). À satisfação sexual estão também associados outros indicadores de qualidade conjugal como o afecto (Yela, 2000), o compromisso ou interesse na duração da relação (Sprecher, 2002), o envolvimento, a responsividade, a afectividade e a religiosidade (Young et al, 1998), a vinculação adulta (Butzer & Campbell, 2008), a comunicação, a intimidade, os sentimentos e atitudes para com o parceiro (Litzinger & Gordon, 2005; Sanderson et al., 2007), as circunstâncias familiares (i.e., presença de crianças pequenas na família, desemprego, trabalho excessivo) e estados de bem-estar psicológico alterados (i.e., ansiedade, depressão, fadiga, atitudes, pensamentos e crenças) podem estar relacionados com a satisfação sexual (Perel, 2008). A relação entre todos estes factores e a satisfação sexual faz sentido, uma vez que quanto maior for a satisfação global da relação mais propensão haverá para uma maior frequência de comportamentos sexuais (Renaud, Byers, & Pan, 1997), o que poderá aumentar a probabilidade de aumento da frequência de orgasmo e intimidade, o que levará consequentemente ao aumento da satisfação sexual (Young et al, 1998).

1.3.1.2. A intimidade na satisfação

A intimidade prende-se com um sentimento de ligação e proximidade para com o outro, e apesar de existir em diferentes tipos de relação, a intimidade tem nas relações conjugais um papel fundamental (Skyler & Bayer, 2010). Através da proximidade do casal, da sua partilha de ideias, valores e actividades, manifestações de afecto que incluem a sexualidade e o conhecimento mútuo (Patrick, Sells, Giordano & Tollerud, 2007). A intimidade constitui, pois, um processo interpessoal que envolve os processos supracitados numa base de confiança, reciprocidade, compromisso e conhecimento mútuo partilhado; que pressupõe comunicação mútua através da auto-revelação e revelação do parceiro, mediadas pela responsividade do parceiro (Laurenceau, Barret, & Pietromonaco, 1998; Reis & Shaver, 1988). A conceptualização da intimidade é multi-processual, dinâmica e interactiva, pois constitui processos mutáveis e em constante interacção. A auto-revelação e partilha, o apoio emocional, a confiança, a mutualidade e interdependência constituem fios do tecido relacional que é envolto pelo fio formado pelos sentimentos de amor e pela sexualidade, que reflectem a natureza da relação – conjugal, de amizade, etc. (Narciso, 2001). A confiança e a mutualidade pressupõem uma realidade conjugal partilhada, em que as expectativas relativas ao parceiro e ao seu comportamento são maioritariamente positivas e consistentes, havendo um envolvimento comum dos dois envolvidos na relação (Narciso, Costa, & Prata, 2002). O termo intimidade está muitas vezes associado a uma natureza sexual, no entanto, apesar

de esta associação desempenhar um papel importante nas relações, a intimidade emocional tem uma maior influência na relação conjugal, pois tem a ver com a experiência de intimidade psicológica numa relação próxima que não tem que implicar a possibilidade de actividade sexual (Skyler & Bayer, 2010; Gaia, 2002).

A intimidade envolve apoio emocional, e este parece ser absolutamente fundamental para a satisfação conjugal (Patrick et al., 2007), tendo a intimidade um papel fulcral na satisfação relacional, pois esta vai depender de objectivos de intimidade e necessidades do indivíduo na relação (Sanderson & Karetsky, 2002; Sanderson et al, 2007). A intimidade está também intrinsecamente ligada à sexualidade do casal, na medida em que o equilíbrio entre pertença e autonomia deve concorrer para a manutenção do desejo sexual, que implica o imprevisível e o desconhecido (Perel, 2008).

1.3.1.3. A comunicação na satisfação

A manutenção da relação íntima implica o desenvolvimento de estratégias de comunicação, emocional e sexual, que ajudarão a aumentar a intimidade no casal e, consequentemente, a sua satisfação com a relação (Johnson, 2010). As vias de comunicação e a forma como são usadas podem potenciar a boa comunicação relacional e o funcionamento sexual. A comunicação pode ser feita através da auto-revelação em duas vias distintas: numa via instrumental, o falar sobre a própria sexualidade aumenta a compreensão do(a) parceiro(a), que leva a um aumento das recompensas e diminuição dos custos na relação sexual, o que resulta num aumento da satisfação sexual, para homens e para mulheres; e numa via expressiva, falar sobre a própria sexualidade conduz a um aumento de intimidade e satisfação com a relação global, o que implicará uma avaliação positiva da satisfação sexual (MacNeil & Byers, 2009).

A comunicação constitui um bom preditor para a qualidade sexual das relações e, por conseguinte, da satisfação global com a relação (Greene & Faulkner, 2005). Estudos empíricos indicam que a comunicação é importante para um casamento feliz, no entanto essa associação não é linear. Se o casal tiver boas capacidades comunicativas, a sua vida sexual vai ser menos influente na satisfação conjugal; no entanto a satisfação sexual poderá compensar alguns efeitos negativos que uma comunicação pobre tenha na satisfação relacional (Litzinger & Gordon, 2005). Estando assim a comunicação interligada com a sexualidade e intimidade do casal, influenciando a avaliação subjectiva da relação.

1.3.2. Factores centrados na sexualidade

1.3.2.1. Prazer e desejo sexual

O desejo sexual é associado com a intimidade, na medida em que esta tem que permitir a sobrevivência do desejo, através da convivência com o outro (Perel, 2008). A excitação sexual subjectiva é facilmente confundida com o desejo sexual (Levine, 2002), contudo há que distinguir estes conceitos de forma a melhor compreendê-los (Regan & Berscheid, 1999). Apesar de serem ambas experiências subjectivas, distinguem-se sobretudo no factor tempo: uma vez que a primeira ocorre em simultâneo com o acto sexual, enquanto o desejo sexual implica o desejo de obter um objecto sexual que, pode ou não estar presente, no momento; não dependendo assim das reacções fisiológicas ou genitais (Regan & Berscheid, 1999). Também o prazer é conceptualizado como algo momentâneo, que ocorre aquando a actividade sexual, mais especificamente quando ocorre o orgasmo (Richters, 2009). Apesar da associação entre orgasmo e prazer, a conceptualização de prazer é um pouco mais complexa, na medida em que o prazer não pode ser somente associado ao orgasmo, à frequência de relações sexuais ou à satisfação sexual. Alguns estudos empíricos têm investigado o conceito de prazer sexual, na busca da sua operacionalização, sendo o prazer medido através da avaliação subjectiva da relação sexual, ou seja, através das medidas de satisfação sexual (Richters, 2009). O desejo sexual terá variações ao nível da intensidade e frequência do desejo (Levine, 2002), mas também a nível qualitativo sobre o objecto e objectivo de desejo (Regan & Berscheid, 1999).

1.3.2.2. Satisfação e funcionamento sexual

As medidas de satisfação sexual podem ser validadas pela sua capacidade de diferenciar indivíduos sexualmente funcionais e disfuncionais, sendo uma medida relevante para o funcionamento sexual, especialmente para mulheres (Stephenson & Meston, 2010). Num estudo também com mulheres, Nichols (2008) constatou que as dificuldades sexuais são mais associadas a factores relacionais que a factores contextuais, psicológicos ou médicos, apesar de todos estes factores contribuírem para o funcionamento sexual.

Há que ter em consideração a diferença entre dificuldade sexual e um diagnóstico de disfunção sexual⁴, apesar de ambos se prenderem com a alteração no normal funcionamento sexual e serem por vezes confundidas (Balon, Segraves, & Clayton, 2007). Enquanto a dificuldade sexual é considerada como a indicação pelo próprio ou cônjuge de dificuldade ou incapacidade em prosseguir com a vida sexual normal; a disfunção sexual, apesar de partir da indicação de dificuldade, depende de um diagnóstico segundo determinados parâmetros. As disfunções sexuais têm impacto no bem-estar geral do casal, pois a existência de uma disfunção sexual no casal, seja no homem ou na mulher, contribui para uma alteração na satisfação sexual e consequentemente, na avaliação subjectiva global feita da relação (McCarthy, 2003).

Estudos constataam que a satisfação sexual varia consoante o tipo de actividade sexual realizada sendo, para homens e para mulheres, a relação sexual com penetração a mais associada com medidas de satisfação - seja relacional, global ou sexual; quando comparada com outras actividades sexuais como por exemplo as práticas masturbatórias (Brody & Costa, 2009). Apesar de a disfunção ser muito mais associada a homens do que a mulheres, existe também a dificuldade em atingir o orgasmo e diminuição de desejo nas mulheres que vai influenciar em grande parte a sua avaliação da relação sexual com o parceiro (Bhugra, 2004).

Em relação à actividade sexual em si, há sempre a criação de expectativas seja em relação à *performance*, seja em relação à satisfação do(a) parceiro(a), por isso é importante haver uma adequação das expectativas para que haja uma maior satisfação sexual (Byers, 2011). Características pessoais como a personalidade e as expectativas de perfeccionismo podem ajudar a prever a satisfação sexual do casal, uma vez que o facto de se desejar atingir as expectativas de relação perfeita, leva muitas vezes a que a satisfação sexual diminua (Habke, Hewitt, & Flett, 1999).

1.3.3. Satisfação sexual, idade e sexo

1.3.3.1. Satisfação em diferentes faixas etárias

A sexualidade acompanha o ciclo de vida mas existem mudanças quanto aos comportamentos sexuais e sua frequência ao longo dos anos, um estudo com a

⁴ Disfunção sexual é um termo utilizado para designar um distúrbio no funcionamento ou desejo sexual, é contemplado pela APA no DSM-IV, constitui um fenómeno multidimensional que envolve dimensões psicológicas, físicas e sociais, que influenciam o funcionamento normal do sistema sexual mas para os quais existem opções de tratamento (American Psychiatric Association [DSM-IV-TR], 2000).

população feminina portuguesa evidenciou uma diminuição dos comportamentos sexuais, principalmente de penetração, entre jovens adultos e meia-idade mas também entre esta e a velhice (Pechorro, Diniz, & Vieira, 2010). O desejo sexual varia ao longo de um *continuum* (aversão – indiferença – interesse – necessidade – paixão), existindo acentuadas diferenças individuais na sua intensidade consoante a idade – o desejo sexual diminui em ambos os sexos, ao longo da vida -, bem como diferenças entre sexos – o desejo sexual é mais forte e estável nos homens do que nas mulheres, tendo este atribuições distintas entre os sexos: as mulheres aspiram à intimidade psicológica como porta para o sexo, por sua vez os homens aspiram ao sexo como uma porta para a proximidade (Levine, 2002).

1.3.3.2. *Satisfação no feminino e no masculino*

Os efeitos do sexo na relação conjugal são pertinentes, sendo a satisfação sexual influente na relação conjugal, de forma similar para homens e para mulheres, mesmo que o sexo tenha significados diferentes para ambos na sua relação (Yeh, Lorenz, Wickrama, Conger, & Elder, 2006). Um estudo australiano constatou que a satisfação sexual e a satisfação relacional são influenciadas pela frequência de actividade sexual, mas que ocorrem diferenças entre homens e mulheres mas também em diferentes idades, particularmente para os homens (Smith et al., 2011).

Denota-se uma relação mais forte da satisfação sexual com a qualidade da relação para o sexo masculino do que para o sexo oposto (Sprecher, 2002). Contudo Renaud e colaboradores (1997) revelaram, num estudo realizado na China, que apesar da mensagem cultural de que o homem é o receptor principal de prazer da relação sexual, a satisfação sexual era mais elevada para mulheres do que para homens, apesar de não haver diferenças quanto à satisfação conjugal nos dois sexos. A percepção da satisfação que o parceiro obtém na actividade sexual é um factor relevante para a avaliação da relação sexual, como tal para as mulheres perceberem a satisfação do parceiro constitui já um bom prognóstico para a sua própria satisfação (Byers, 2011). Alguns estudos evidenciaram níveis mais elevados de satisfação sexual e intimidade na mulheres (Moret, Glaser, Page, & Bargerion, 1998); sendo para este género a satisfação sexual um bom preditor para o bem-estar relacional (Holmberg, Blair, & Phillips, 2010).

2. Processo Metodológico

2.1. Enquadramento metodológico

Este estudo exploratório e inferencial desenvolveu-se através de um processo metodológico qualitativo, baseado no paradigma do construcionismo, tendo em conta a subjectividade das respostas mas também a do próprio investigador numa co-construção de significados. Este tipo de metodologia constitui uma ferramenta fundamental para a investigação no domínio da significação da experiência humana (Daly, 2007). O ponto de partida é o discurso dos participantes, sendo os fenómenos inerentes à sua experiência, incluídos nas circunstâncias do ambiente de investigação (Stiles, 1993). Pela compreensão do contexto e criação de objectivos adaptados à investigação e à descoberta de um conhecimento cada vez mais extenso da temática, o investigador recolhe e analisa os dados num processo contínuo e repetido⁵, de forma a atingir uma maior compreensão sobre as implicações do conhecimento obtido pelos dados (Creswell, 1998). Esta metodologia implica uma interacção contínua entre a recolha e análise de dados, através da interpretação e organização dos mesmos à medida que vão surgindo, seguindo guias que são vistos como princípios e práticas flexíveis em vez de prescrições impostas à partida (Charmaz, 2006), permitindo a construção de hipóteses e teorias a partir dos dados recolhidos (Strauss & Corbin, 2000). Num processo exploratório e indutivo, em que não se parte de hipóteses prévias, mas da exploração de uma situação ou fenómeno, da descrição e análise do mesmo, fazendo surgir hipóteses à medida que se avança na investigação. Neste sentido, esta investigação tem como propósito compreender a complexidade inerente ao mundo de experiências vividas por cada indivíduo, a partir da forma como cada experiência é percebida e posteriormente expressa pelo próprio. A narrativa do participante, interfere na compreensão do fenómeno em estudo, sendo um processo compreensivo que progressivamente reconhece o significado atribuído à experiência de quem experiencia (Rennie, 2001), mas por outro lado o suporta com a teoria disponível sobre a temática. Como sabemos, o mapa não é o território, por isso a realidade vivenciada por cada indivíduo e os significados atribuídos a situações específicas sobre um determinado objecto de investigação (neste caso as significações associadas à satisfação sexual) podem ser construídos através da partilha dos mapas de cada indivíduo (Schwandt,

⁵ Creswell (1998) refere-se a este processo como um processo em *zigzag* em que o investigador recolhe informação e a analisa, voltando a repetir o processo sempre que necessário.

2000). Com o objectivo de compreender e não explicar ou criar relações de efeito, este tipo de metodologia recorre a procedimentos detalhados, sistemáticos e rigorosos de análise de conteúdo, que permitem a compreensão através da reflexão, mas que também implica um processo indutivo e criativo, que permite ao investigador organizar e integrar conceitos, através da formulação de questões e atribuição de significados aos dados (Creswell, 1998).

2.2. Desenho da investigação

Nesta investigação, inserida numa pesquisa mais alargada dentro de um doutoramento em curso⁶, foi efectuada uma recolha de dados *online*, como parte de um estudo exploratório e transversal. De modo a averiguar quais as considerações dos indivíduos participantes nesta investigação, optou-se pela exploração das respostas à pergunta de resposta aberta: “*Defina Satisfação Sexual*”, considerando que além da subjectividade e dificuldade de resposta relativa ao tema da pergunta, também a forma como foi colocada irá condicionar as respostas dadas, os dados obtidos e, consequentemente, a sua análise.

2.2.1. Questão inicial

A definição de Satisfação Sexual está sujeita a uma falta de consenso que é acompanhada pela subjectividade associada à percepção que cada um tem da sua experiência de vida (Graham et al., 2011; Byers, 2005; Jackson & Scott, 2010). Como tal, o ponto de partida desta investigação prende-se com o levantamento das significações que os participantes têm sobre essa mesma definição. Partindo este estudo exploratório das seguintes questões iniciais:

Quais as significações de satisfação sexual? Quais as categorias conceptuais mais salientes nas significações de indivíduos heterossexuais em coabitação?

⁶ O presente estudo enquadra-se na investigação mais vasta da Mestre Patrícia Pascoal que visa a temática da sexualidade e os diferentes factores que contribuem para a qualidade das relações interpessoais íntimas. Inserida no projecto de doutoramento em Psicologia Clínica – Contributo de variáveis individuais e relacionais para a satisfação sexual de pessoas em relação de conjugalidade com e sem problemas sexuais, supervisionado pela Professora Doutora Isabel Narciso Davide da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e pelo Professor Doutor Nuno Monteiro Pereira da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

2.2.2. Mapa conceptual

Ao partirmos das questões iniciais que impulsionam a presente investigação e também das teorias relativas ao conceito central em estudo, referidas no enquadramento teórico, faz sentido apresentar o seguinte quadro conceptual.

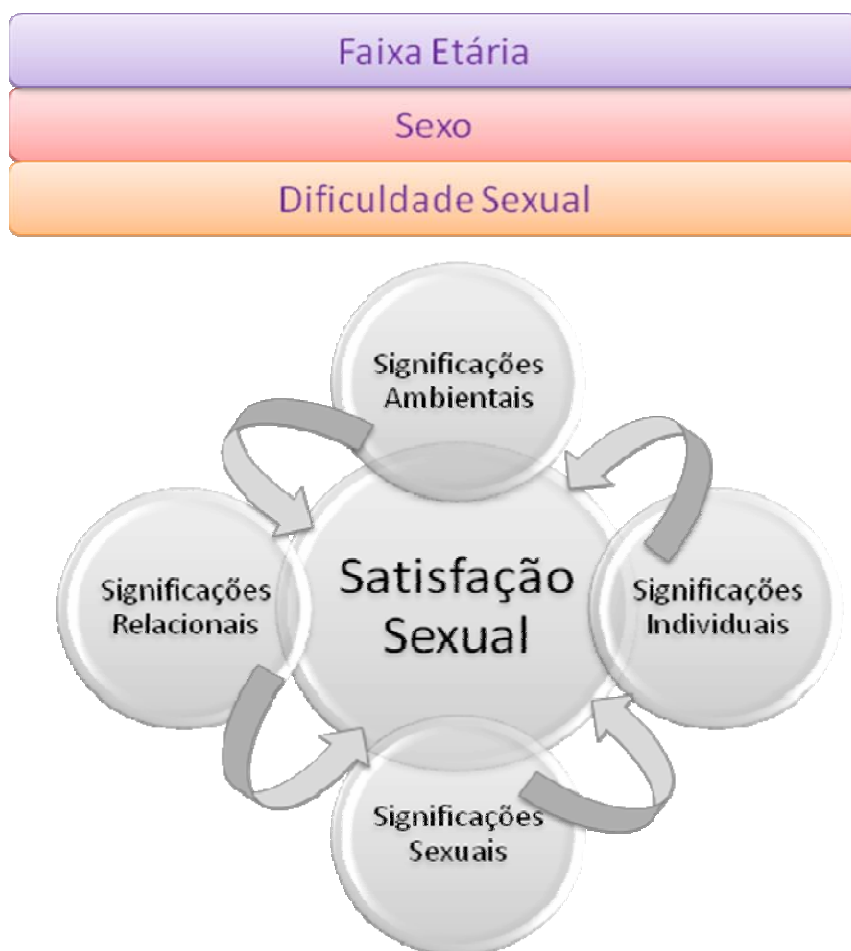


Figura 1. Quadro de referência conceptual correspondente à relação entre as variáveis em estudo.

O cerne deste estudo é a satisfação sexual e a contribuição das diferentes significações para a sua definição, sejam significações individuais, ambientais, sexuais ou relacionais. Sendo evidenciadas as significações mais salientes no *puzzle* da satisfação sexual dos participantes, de acordo com uma análise orientada para o mapeamento de diferenças entre géneros, faixas etárias e presença/ausência de dificuldades sexuais.

2.2.3. Objectivos

O objectivo primordial desta investigação é o de compreender as significações de satisfação sexual em indivíduos em relação de conjugalidade⁷. Com este estudo pretende-se, pois, contribuir para uma melhor compreensão de um conceito pleno de subjectividade e sem consenso a nível científico como é o caso da satisfação sexual, partindo do discurso dos participantes. Partindo do objectivo geral de explorar as significações de satisfação sexual, de indivíduos heterossexuais em coabitação, surgem os seguintes objectivos específicos: (1) Analisar as significações mais salientes na amostra em estudo; (2) Explorar as diferenças, nessas significações, relativas a aspectos sócio-demográficos como o sexo e a idade; (3) Analisar as diferenças, nessas significações, relativas ao funcionamento sexual – indicação de dificuldade vs não dificuldade; e (4) Explorar as associações entre categorias nas significações de satisfação sexual.

2.2.4. Questões de investigação

É importante, com base no quadro conceptual apresentado anteriormente, delinear o presente estudo com a formulação das seguintes questões de investigação:

- Quais as significações de sexualidade mais salientes/frequentes em indivíduos em relação de conjugalidade?
- Há aspectos individuais, relacionais, sexuais ou ambientais mais associados às significações de satisfação sexual?
- Existem diferenças entre homens e mulheres relativamente a significações de satisfação sexual?
- Existem diferenças a nível das significações de satisfação sexual em diferentes faixas etárias?
- As significações de sexualidade variam em função da presença/ausência de disfunção sexual?

⁷ Por conjugalidade, consideramos todos os indivíduos em relação de casamento ou coabitação por um período mínimo de 6 meses. Nesta investigação tomaremos como equivalente casamentos e uniões de facto, uma vez que em ambos existe “uma ligação afectiva entre duas pessoas que, vivendo sob o mesmo tecto, prosseguem um projecto comum de vida familiar” (Alarcão, 2006, pp. 115).

2.3. Estratégia metodológica

2.3.1. Processo de selecção e caracterização da amostra

2.3.1.1. Selecção da amostra

A amostra, não probabilística e de conveniência, corresponde a um recorte da amostra total recolhida na investigação de doutoramento supracitada. A amostra relevante para esta investigação consiste em adultos, homens e mulheres, em relação de coabitação há pelo menos 6 meses, que preencheram as quatro perguntas de resposta aberta inseridas no protocolo. A constituição da amostra pressupõe uma amostragem teórica, na medida em que os participantes se encontram na condição de “*perito experiencial*” (Morse, 1994), o que possibilita uma oportunidade de conhecimento baseada na experiência de cada participante. O objectivo deste tipo de amostragem é o de descobrir categorias e suas propriedades, bem como sugerir relações teóricas, de modo a explicar um fenómeno pelos indicativos de categorias (Strauss & Corbin, 2000). Uma amostragem teórica, sendo cumulativa, tende a tornar-se mais específica com o decorrer da investigação, uma vez que depois de uma fase de construção de categorias segue-se a sua exploração, até se atingir a saturação teórica (Glaser & Strauss, 1967). Esta funciona como critério de interrupção da amostragem e obtenção de mais informação, pois assume-se que uma vez saturada uma categoria, todos os *inputs* informativos para a investigação já foram explorados e pode-se prosseguir para a criação de uma hipótese teórica (Glaser & Strauss, 1967). Neste estudo as categorias criadas não foram saturadas, por conseguinte analisaram-se as categorias mais salientes, com o intuito de compreender uma tendência das significações sobre o fenómeno estudado.

2.3.1.2. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por 681 indivíduos, com relações heterossexuais em coabitação, 62% do sexo feminino (N= 424) e 38% do sexo masculino (N=257), com uma amplitude de idades entre os 20 e os 83 anos, encontrando-se a maioria dos indivíduos inquiridos na faixa etária dos jovens adultos (20 aos 35 anos). Para facilitar o processo de análise, a amostra foi dividida em 3 faixas etárias: jovens adultos - dos 20 aos 35 anos (N= 382); adultos - dos 35 aos 50 anos (N= 249); e adultos de meia-idade - com mais de 50 anos (N= 50). Destes, 12% (N= 83) dos indivíduos assinalam a presença de algum tipo de disfunção sexual e 50% (N=340) afirmam serem crentes numa religião. Da totalidade da amostra, foram excluídas mulheres grávidas, em amamentação ou na

menopausa, pessoas solteiras e respostas de teor provocatório; no caso específico desta investigação foram ainda excluídas pessoas sem relação de coabitação e pessoas LGBT⁸.

2.3.2. Instrumentos utilizados

Como foi referido anteriormente, o presente estudo insere-se numa investigação mais alargada que constituiu no preenchimento *online* de um protocolo que permitiu a recolha de uma vasta informação sobre cada indivíduo, incluindo dados sócio-demográficos e de saúde geral mas também questionários mais específicos sobre auto-estima, ambiente familiar, imagem corporal, envolvimento, satisfação e aspectos relacionais⁹. Além destes questionários, o protocolo incluía um conjunto de questões de resposta aberta destinada aos participantes que viviam em relação de casamento ou de coabitação há pelo menos 6 meses. Essas questões estão relacionadas com a definição de problemas sexuais, relação entre o corpo/imagem corporal e a vida sexual, as fontes de influência mais relevantes para a sexualidade e a definição de satisfação sexual. Esta última constitui a base para a presente investigação.

Este tipo de questionário, especificamente elaborado *online*, representa vantagens e desvantagens, em comparação com questionários de resposta fechada. As questões de resposta aberta constituem uma ferramenta importante na procura das significações experienciais, sendo estas retiradas directamente do discurso espontâneo dos participantes. Apesar da vantagem de se obter informação mais rica e profunda, este tipo de questionário implica um processo mais moroso de análise dos dados e, sendo

⁸ LGBT é uma sigla utilizada para designar Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais

⁹ Questionário sócio-demográfico, de saúde geral e da sexualidade na recolha de dados sobre idade, sexo, habilitações literárias, agregado familiar, religião, orientação sexual, existência de relação com actividade sexual, aspectos de saúde geral, desconforto sexual seguido de: Questionário de auto-estima de Rosenberg ; Escala de percepção da imagem corporal a partir da *Body Image Assessment Scale* (BIAS – Thompson e Gray, 1985); Questionário de Atitude Corporal- Medida Global da Insatisfação Corporal (MGIC- Patrícia Pascoal e Isabel Narciso, 2006); Questionário de Distração Cognitiva- Sub-Escala Aparência Corporal (Patrícia Pascoal & Isabel Narciso, 2006); *Family environment scale* – FES ; Medida global da relação sexual (GMSEX) adaptada de Global Measure of Sexual Satisfaction (GMSEX; Lawrance & Byers, 1998); Medida global de satisfação relacional (GMRel); *The inclusion of other in self* – IOS; EASAVIC (Isabel Narciso & Maria Emília Costa, 1996).

realizado *online*, ou seja, sem controlo presencial sobre as respostas, pode levar a uma diminuição do número de respostas (Reja, Manfreda, Hlebec, & Vehovar, 2003). Partindo da forma como é colocada a pergunta, as respostas irão variar de acordo com a disponibilidade e com o modo como os participantes representam a sua realidade experiencial, constituindo estas respostas uma contribuição em discurso directo para a co-construção de significados (Creswell, 1998).

2.3.3. Procedimento de Recolha dos dados

A presente investigação decorreu em formato de preenchimento *online*, sendo que todos os participantes o fizeram de forma voluntária, com a condição de que os dados seriam anónimos e confidenciais, sendo utilizados apenas no âmbito das investigações em curso.

O facto de o método utilizado ser o de investigação *online*, ajuda a que, por um lado, haja um maior número de respostas pois é um método que permite uma prática corrente e actualização constantes da investigação, é fácil de usar tanto para sujeitos como para investigador, é possível uma maior divulgação e recursos envolvidos assim como ajuda a salvaguardar o anonimato e confidencialidade no preenchimento, sendo este método uma inovação na investigação em ciências humanas, mais especificamente em psicologia (Haberman, 2010). Permite, ainda, neste tipo de investigação exploratória e inferencial, uma divulgação e adesão mais alargadas - o que leva a um maior número de sujeitos; confere uma maior flexibilidade e interligação entre questões e permite a diminuição de erros¹⁰ (Kraut et al., 2004).

2.3.4. Processo de análise dos dados

A partir dos dados recolhidos, procedeu-se à análise e categorização das respostas no software *Nvivo 9*, que, devido às suas características, é uma ferramenta importante numa investigação baseada na *Grounded Theory* (Hutchison, Johnston & Breckon, 2010). A análise de conteúdo, especificamente em respostas abertas, consiste

¹⁰ A diminuição dos erros tem que ver com a possibilidade de obter um *output* das respostas directamente no computador, não sendo precisas transcrições das respostas por terceiros.

na classificação das respostas, dentro de categorias¹¹, segundo um critério teórico pré-determinado (Bardin, 2009). Este processo deve seguir uma ordem cronológica, em que numa primeira fase se faz uma pré-análise, seguida da exploração do material e tratamento dos dados; finalmente, procede-se à interpretação e inferência de hipóteses relativas ao objecto de estudo (Biklen & Bogdan, 1994). Através de uma análise indutiva, estabeleceu-se um sistema categorial que foi sendo criado a partir da informação decorrente dos dados; partiu-se da leitura das respostas, com o objectivo de conhecer o texto, procurando regularidades e padrões que constituíssem categorias de análise (Biklen & Bogdan, 1994). No processo de análise e codificação¹², através da leitura das respostas, pretende-se aplicar sistemicamente os processos de codificação definidos, em que se constituem unidades de significação (Bardin, 2009) – segmentos de resposta conceptualmente distintos – que, ao longo do processo de análise, foram codificadas numa ou em várias subcategorias emergentes, e posteriormente agrupadas em categorias superiores, possibilitando o desenvolvimento e construção de uma árvore de categorias¹³. Das subcategorias emergentes distinguiram-se quatro categorias superiores, que são distintas no seu teor conceptual - *Ambiência, Características Pessoais, Relação Conjugal e Relação Sexual*.

Esta teoria pressupõe uma acentuada interacção entre a recolha e análise de dados e a elaboração da teoria, por conseguinte, há que ter em consideração a subjectividade inerente à codificação por parte do investigador (Strauss & Corbin, 2000). A criação de categorias foi um processo que implicou a criação e recriação de uma árvore de categorias que incluiria as significações dos participantes quanto à satisfação sexual.

Após o tratamento de dados, seguiu-se um processo de análise interpretativa e reflexão em torno dos resultados, que será discutida no seguinte capítulo.

¹¹ Uma categoria representa uma unidade de informação composta por eventos, acontecimentos e ocorrências (Strauss & Corbin, 1990 *cit. por* Creswell, 1998)

¹² “A codificação é o processo pelo qual os dados em bruto são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exacta das características pertinentes de conteúdo.” O.R. Holsti *cit. por* Bardin (2009)

¹³ Ver Apêndice I para consulta da árvore de categorias utilizada na presente investigação

3. Apresentação e discussão de resultados

Durante a análise e codificação dos dados, surgiram categorias conceptuais que estruturaram a codificação de todas as respostas dadas pelos participantes, e que posteriormente foram analisadas de modo a evidenciar as significações associadas à definição de satisfação sexual. Estas categorias superiores encontradas e posteriormente consideradas foram: Ambiente, Características pessoais, Relação conjugal e Relação sexual. A relevância de cada categoria será mensurável através da frequência de respostas nela codificadas, correspondendo cada resposta a um participante.

A análise destas categorias emergentes permite uma melhor compreensão dos aspectos e dimensões envolvidos nas significações de satisfação sexual, em indivíduos em coabitação. Para além desta análise, há que considerar a relevância, em algumas dimensões, de especificar e explorar a relação entre categorias, para que haja uma contribuição para a compreensão das significações envolvidas na satisfação sexual. De seguida, serão apresentados e discutidos os resultados referentes às categorias emergentes e às questões iniciais de investigação, referidas anteriormente.

3.1. Categorias Emergentes quanto às significações de Satisfação Sexual¹⁴

A partir da análise inicial dos dados e no que concerne à codificação realizada, as categorias superiores encontradas foram: Ambiente, Características Pessoais, Relação Conjugal e Relação Sexual – apesar de não mutuamente exclusivas são distintas em termos conceptuais. Ou seja, cada resposta pode referenciar mais que uma significação em simultâneo e contudo cada categoria representa um conceito teórico

¹⁴ Como todas as respostas têm de ser codificadas numa categoria, foram criadas duas categorias livres - *Inespecífica* e *Qualidade* onde foram codificadas todas as respostas que de alguma forma não se inseriam na árvore de categorias. Na primeira codificaram-se 32 casos, que constituem respostas de natureza circular, como por exemplo: “*Satisfação sexual é ter uma sexualidade satisfatória*”; respostas vagas, como por exemplo: “*Estarmos bem*” ou “*Depende de uma série de factores da nossa vida actual*”; e respostas “*Não sei*”. Na segunda codificaram-se respostas que mencionavam a qualidade da relação sexual, sem desenvolver significações, como por exemplo: “*Ter uma relação sexual de qualidade*” ou “*Ter uma vida sexual activa e de qualidade com o meu marido.*” Foram codificados nesta categoria 21 casos, sendo que alguns que mencionavam a relação quantidade – qualidade foram também incluídos na árvore de categorias, na subcategoria referente à frequência da relação sexual.

distinto. De seguida, elucidamos cada uma das categorias supracitadas quanto às suas subcategorias associadas¹⁵ e definição conceptual¹⁶.

3.1.1. Ambiência

Nesta categoria, encontram-se as significações referentes a questões ambientais da actividade sexual, sejam estas do ambiente em geral, ou questões de oportunidade, conforto ou circunstâncias extra-casal. “*Sem interferências*”; “*É toda a envolvimento*”; “*O romance*” e “*Sentir-me confortável no relacionamento sexual*” são respostas que caracterizam esta categoria, em que o contexto está implícito nas respostas.

3.1.2. Características Pessoais¹⁷

As características pessoais estão subentendidas quando se fala em satisfação, pois como já foi referido, esta implica uma avaliação subjectiva do sujeito (Byers, 2005). Nesta categoria inserem-se as significações relativas a aspectos individuais, dividindo-se em características Do Outro e Do Próprio. Existindo em ambas as subcategorias relativas a aspectos *Emocionais* e *Físicos*.

(“*É acarinhar as características sexuais do outro...*”)

(Exemplo de resposta *Outro*)

(“*É receber atenção naquilo que são as minhas características sexuais.*”)

(Exemplo de resposta *Próprio*)

3.1.3. Relação Conjugal¹⁸

As codificações nesta categoria aludem a aspectos derivados da relação conjugal, tendo surgido as seguintes subcategorias: Ausência de conflitos, Bem-estar Global, Comunicação e Intimidade. Esta última subcategoria subdividiu-se em: *Afectividade*, *Apoio*, *Auto-revelação*, *Confiança*, *Mutualidade* e *Partilha*.

¹⁵ Para consulta de segmento da árvore de categorias superiores emergentes neste estudo, e alguns exemplos de resposta, ver Apêndice I.

¹⁶ Para consulta das descrições de cada categoria emergente ver Apêndice II.

¹⁷ Para consulta de esquema representativo das categorias de Ambiência e Características pessoais, ver Apêndice III.

¹⁸ Para consulta de esquema representativo da árvore da categoria Relação Conjugal, ver Apêndice IV.

(*“É um todo que completa o relacionamento.”*)

(Exemplo de resposta *Relação Conjugal*)

3.1.4. Relação Sexual¹⁹

As codificações que se inserem nesta categoria prendem-se com aspectos relacionados com a relação sexual em si. Derivam desta as subcategorias Bem-Estar, Comunicação, Corporal, Criatividade - Originalidade, Desejo, Desinibição, Fantasias, Frequência de relação, Intimidade e Prazer. Além destas, foram ainda agrupadas categorias relacionadas com o aspecto Corporal: *Orgasmo*, *Desempenho* e *Sentir Excitação*; a subcategoria Intimidade foi desdobrada em *Mutualidade* e *Partilha*; e na subcategoria Prazer foi diferenciado o prazer *Geral*, *Do Outro* e *Próprio*.

(*“Manter uma relação sexual com o parceiro por mim escolhido e na qual nos completamos e atingimos ambos o orgasmo.”*)

(Exemplo resposta *Relação Sexual*)

3.2. Análise das significações mais salientes na satisfação sexual²⁰

De modo a analisar sistémica e conceptualmente as significações associadas à definição de satisfação sexual, o interesse será evidenciar as categorias mais salientes, ou seja, as que surgem com maior frequência na amostra. As categorias superiores *Relação Sexual* (84%)²¹ e *Relação Conjugal* (36%) foram as mais salientes, sendo as categorias *Características Pessoais* (11%) e *Ambiência* (3%) as menos frequentes. As significações ligadas à categoria *Relação Sexual*, aparecem na maioria das respostas, uma vez que a sexualidade pressupõe aspectos relacionados com a actividade sexual *per se*. Comparativamente, o relevo das componentes de *Relação Conjugal* foi menor, mas também saliente na totalidade da amostra. Isto sugere a relação positiva clara entre satisfação sexual e satisfação conjugal, apesar de não ser possível discernir uma ligação causal, sendo esta relação multi-dimensional, complexa e circular, deve ser analisada futuramente mediante uma perspectiva sistémica (Fincham & Beach, 2006).

¹⁹ Para consulta de esquema representativo da árvore da categoria *Relação Sexual*, ver Apêndice V.

²⁰ Ver Apêndice VI para consulta das categorias mais salientes.

²¹ As percentagens apresentadas nesta secção 3.2 referem-se ao número de participantes da amostra total.

Na primeira, as subcategorias mais evidentes são Prazer (41%), Intimidade (33%) – na qual as vertentes mais salientes são a Mutualidade (22%) e a Partilha (19%); Corporal (18%) – com o aspecto Orgasmo em evidência (10%); e com a mesma frequência (15%) Desejo e Bem-estar. Na segunda categoria mais saliente, evidenciou-se maior frequência para a Intimidade (26%) e Bem-Estar Global (6%); tendo-se destacado na subcategoria Intimidade as componentes Afectividade (17%) e Mutualidade (11%).

Através da “voz” dos participantes é possível constatar que as significações associadas à satisfação sexual são semelhantes aos conceitos descritos na literatura: conjugalidade, actividade sexual, prazer, intimidade, desejo sexual e bem-estar conjugal (Trudel, 2002; Richters, 2009; Litzinger & Gordon, 2005; Patrick et al, 2007; Byers, 2005; Perel, 2008). Existe uma forte tendência para significações ligadas com a relação sexual em si porque, quando se fala de sexualidade, os parâmetros relativos ao corpo e à actividade sexual em si têm que ser considerados (Brody & Costa, 2009; Richters, 2009).

Focando na importância da comunicação na satisfação sexual (Litzinger & Gordon, 2005; MacNeil & Byers, 2009), procedeu-se à análise das subcategorias pertinentes. No entanto a Comunicação Sexual (4%), a Comunicação na Relação Conjugal (2%), assim como a componente Auto-revelação na Intimidade Conjugal (2%), não tiveram, nesta amostra, uma representação relevante. A subcategoria Ausência de conflitos obteve menos de 1% de referências, apesar de ser referido por alguns autores como um bom preditor da satisfação sexual (Tani & Steca, 2007; Sprecher et al., 2006).

Análise de aspectos ambientais e Características Pessoais

Os aspectos relacionados com o contexto, foram os menos referidos na amostra em análise, apesar da sua esperada relevância na satisfação sexual (Nichols, 2008).

Das respostas relativas a aspectos individuais, referenciadas como Características Pessoais, destacaram-se as características relativas ao Próprio (92%)²², sendo as de natureza emocional as mais frequentes (80%), por oposição à componente física (39%). Nas características relativas ao Outro (37%), não houve diferenças significativas entre aspectos emocionais (25%) e físicos (26%). Estes resultados

²² Percentagem referente ao total de respostas na categoria *Características Pessoais*.

divergem dos obtidos em estudos empíricos que evidenciam as expectativas direccionadas para o parceiro e o sentimento de expectativas do parceiro em relação a si próprio como mais proeminentes na satisfação sexual que as expectativas relativas ao próprio (Habke et al., 1999). Considerando a natureza das significações referenciadas nesta categoria, e tendo em conta que as significações em estudo partem da avaliação subjectiva do indivíduo sobre a sua experiência sexual subjectiva (Byers, 2005), podemos inferir que há uma forte contribuição do bem-estar e da auto-estima do próprio para a satisfação sexual (Tani & Steca, 2007; Davison et al., 2009; Stephenson & Meston, 2010).

Análise de aspectos da Relação Conjugal

Sendo a amostra em estudo constituída por indivíduos em relação de conjugalidade²³, interessa analisar quais os factores relativos à relação conjugal mais associados à satisfação sexual. Os mais frequentes foram a Intimidade (70%) e o Bem-Estar Global (17%), sendo que as componentes de Intimidade mais referidas pelos participantes foram a Afectividade (42%) e a Mutualidade (28%). Estes resultados são consistentes com estudo que apuram uma preponderância de componentes de intimidade na avaliação da satisfação sexual (Skyler & Bayer, 2010; Gaia, 2002; Patrick et al., 2007). Também a associação positiva do Bem-Estar Global na relação e satisfação sexual sugerida no presente estudo, foi evidenciada por diversas investigações (Trudel, 2002; Young et al, 1998; Sprecher & Cate, 2004). A Afectividade considerada, para efeitos desta investigação, como um processo relacional essencialmente afectivo mas também ligado a factores cognitivos, comportamentais e, sobretudo individuais (Narciso & Ribeiro, 2009) representa uma forte componente no estabelecimento da intimidade conjugal. Por conseguinte, esta associação encontrada está também fundamentada noutras investigações (Patrick et al., 2007; Sanderson & Karetsky, 2002; Perel, 2008). A Intimidade emocional está associada positivamente com a experiência de orgasmo (Mah & Binik, 2005) mas também com a satisfação, conjugal e sexual, dos elementos do casal (Patrick et al., 2007). A Mutualidade é referida como um componente essencial na intimidade conjugal, na medida em que a intimidade implica o envolvimento mútuo e a percepção de uma vida partilhada a dois (Narciso, Costa, & Prata, 2002), e se essa vida

²³ Neste estudo considerou-se conjugalidade como relações heterossexuais em coabitação, com uma duração mínima de 6 meses.

a dois partir de uma relação íntima (Skyler & Bayer, 2010), a sexualidade do casal vai consequentemente ser influenciada por essa mesma intimidade. Há então uma contribuição da Afectividade como uma forte significação dentro da intimidade conjugal, orientada para a satisfação sexual.

A componente Ausência de conflitos, nesta amostra, não se evidenciou como uma significação influente na satisfação sexual, apesar das indicações empíricas e teóricas para a importância de gestão e resolução de conflitos para a satisfação conjugal (McNulty & Russel, 2010) e também para a satisfação sexual (Haning et al., 2007).

Análise de aspectos da Relação Sexual

Da totalidade de referências nesta categoria, destacou-se a subcategoria Prazer (49%), sendo a sua componente geral – isto é, a que se refere ao prazer sem diferenciar qual o receptor – a mais frequente (31%). Esta categoria constitui uma significação relevante para a satisfação sexual, como sugerido por Richters (2009). Os resultados relativos à Intimidade (39%) também vão de encontro ao esperado pela revisão de literatura, uma vez que a intimidade e a sexualidade estão associadas nas relações conjugais (Skyler & Bayer, 2010; Patrick et al., 2007). Quanto às componentes de Intimidade mais relevantes, não se destacou nenhuma, tanto a Mutualidade (26%) como a Partilha (23%) apresentam um contributo semelhante para a influência da intimidade na satisfação sexual – sendo estes dois componentes muitas vezes associados na literatura (Narciso & Ribeiro, 2009).

Para além da categoria prazer, uma categoria que se destacou foi a Corporal (22%), sendo o Orgasmo (12%) a componente em evidência. Esta tendência é consistente com os estudos em que a satisfação sexual tem uma ligação com o corpo e com o prazer através do orgasmo (Brody & Costa, 2009), apesar de outros estudos indicarem o oposto, em que o prazer e a experiência subjectiva de orgasmo estarão mais ligados a características psicológicas e psicossociais que a características sensoriais (Mah & Binik, 2005). Poderão estes dados indiciar uma tendência da amostra para assinalar o orgasmo como um elemento importante para a satisfação sexual. Tanto o Desejo Sexual como o Bem-Estar, no presente estudo, evidenciaram a mesma frequência (18%), resultado que vai ao encontro de estudos que sugerem que o desejo sexual contribui para a satisfação sexual (Chao et al., 2011). Também o bem-estar subjectivo está conceptualmente associado à avaliação positiva de um acontecimento ou situação,

ou

seja,

à satisfação (Diener & Ryan, 2008). Por conseguinte, o bem-estar na actividade sexual estará associado à satisfação atribuída a essa experiência.

(“Bem-estar físico e mental durante e em relação à relação sexual”)

(Exemplo resposta Bem-Estar na Relação Sexual)

Contrariamente à associação esperada entre desejo sexual e excitação (Levine, 2002), na amostra em estudo, pode-se constatar que o primeiro foi mais associado à satisfação sexual que a segunda (Excitação = 1%).

3.3. Análise das significações mais salientes no feminino vs masculino²⁴

Uma das questões iniciais deste estudo é averiguar as diferenças entre sexo masculino e sexo feminino no que concerne às significações associadas a satisfação sexual, mapeando as suas diferenças, mesmo que, por vezes, as semelhanças sejam superiores às diferenças entre sexos (Narciso & Ribeiro, 2009; Holmberg & Blair, 2009). Para isso, foram comparadas as amostras feminina e masculina dentro da amostra total recolhida.

Na categoria mais saliente, Relação Sexual, houve uma distribuição semelhante das respostas de homens (82%)²⁵ e mulheres (84%), enquanto que na categoria Relação Conjugal houve maior frequência de respostas da amostra feminina (42%) do que na masculina (25%). Esta diferença pode ser um indício da importância de aspectos referentes à relação de conjugalidade para a satisfação sexual, especialmente para o sexo feminino, como previsto pela investigação de Lawrence e Byers (1995), mas contrariamente ao evidenciado no estudo de Sprecher (2002). Isto poder-se-á prender com o tipo de metodologia utilizada, mas também com a operacionalização da categoria Relação Conjugal. No entanto, há uma relação entre significações da relação conjugal e significações sexuais na satisfação sexual, apesar de ser precisa uma maior diversidade de investigação para saber a orientação desta relação satisfação sexual – satisfação conjugal (Graham et al., 2011; Trudel, 2002; Young et al., 1998).

²⁴ Para consulta da caracterização da amostra de acordo com as variáveis em estudo, ver Apêndice VII.

²⁵ As percentagens apresentadas neste subcapítulo referem-se ao total de participantes das amostras do sexo masculino e do sexo feminino, respectivamente. Consultar Apêndice VIII.

(“É a harmonia de toda a relação. Se há algo que na relação sexual corre mal, por norma, também corre mal na rotina da relação. A satisfação sexual é a base de uma relação sólida.”)

(Exemplo resposta Relação Conjugal, por participante feminina)

Relação Sexual: feminino vs masculino

As componentes relativas à Relação Sexual mais referidas pelos participantes masculinos foram o Prazer (35%) e a Intimidade (32%) – cujo componente mais saliente foi a Mutualidade (24%). Na amostra feminina também se destacaram as componentes Prazer (45%) e Intimidade (34%), assim como o Bem-Estar (17%). Para as mulheres, as componentes de intimidade mais salientes foram, com frequência semelhante, a Mutualidade (22%) e a Partilha (21%). Relativamente à componente Prazer, em ambos os sexos, destaca-se a sua componente geral, não havendo diferenças entre o receptor de prazer. A diferença relativa ao Bem-Estar na relação sexual para homens (11%) e para mulheres (17%) indica que para as últimas este é um componente relevante na avaliação da satisfação (Tani & Steca, 2007).

O aspecto Corporal teve semelhante relevância na amostra masculina (18%) e na feminina (17%), sendo a componente Orgasmo a que se destacou nos dois sexos com a mesma frequência (10%). Partindo dos presentes resultados, seria necessário aprofundar a investigação para perceber se há uma perspectiva qualitativa diversa quanto a estes aspectos, pois alguns estudos evidenciaram uma preocupação mais acentuada dos homens para com o desempenho e das mulheres em relação à imagem corporal (Nelson & Purdon, 2011).

A componente Desejo Sexual obteve a mesma frequência para ambos os sexos (15%), podendo-se inferir que é uma característica com igual relevância nas significações da amostra em estudo, para ambos os sexos, como a literatura sugere (Regan & Berscheid, 1999), podendo no entanto esta relevância ser atribuída a diferentes aspectos do desejo sexual, sejam relacionais ou emocionais (Carvalho & Nobre, 2010).

Relação conjugal: feminino vs masculino

No que concerne a Relação Conjugal, a Intimidade é a componente mais relevante, tanto na amostra feminina (33%) como na masculina (18%). As significações associadas a intimidade também são as mesmas para ambos os sexos, apesar de para as

mulheres a Afectividade (20%) ter maior relevo que a Mutualidade (12%), e na amostra masculina estes dois indicadores demonstrarem semelhante relevo (9% e 10% respectivamente).

(“É saber que o que tenho com a pessoa que amo é uma dádiva e não um direito.”)

(Exemplo resposta Afectividade, por respondente feminina)

Sendo a manifestação de afecto uma das justificações da sexualidade (Patrick et al., 2007), e a afectividade um importante aspecto da conjugalidade (Narciso & Ribeiro, 2009; Aboim, 2006), seria expectável uma contribuição deste factor para a satisfação sexual. Contudo, a diferença de relevância entre os sexos indica uma diferença na contribuição deste factor para a avaliação da satisfação sexual. Estes resultados podem prender-se com a tradição cultural²⁶ já referida na literatura, em que as mulheres têm maior tendência para procurar o afecto na actividade sexual (Renaud et al., 1997; Levine, 2002). O afecto manifesta-se no desejo de ser íntimo com outro indivíduo (Aron & Aron, 1991) por conseguinte estará associado à satisfação sexual. Ainda quanto aos componentes de intimidade, encontram-se diferenças entre os sexos relativamente à importância de aspectos como a Auto-revelação e a Confiança para as mulheres (4% e 3% respectivamente) e para homens (menos de 1%) – o que pode indicar uma pequena contribuição destes factores para a significação de satisfação sexual na amostra feminina, mas não na do sexo oposto.

A categoria Ausência de Conflitos foi apenas referenciada pela amostra masculina (1%), não tendo surgido no universo de respostas feminino.

Características Pessoais e contexto: feminino vs masculino

Relativamente a aspectos relativos à ambiência, não houve diferenças entre homens (2%) e mulheres (3%). Nas características pessoais associadas à satisfação sexual também não se destacaram diferenças relativamente ao sexo dos respondentes. Estes dados evidenciam as semelhanças entre os sexos, além das diferenças (Narciso & Ribeiro, 2009; Holmberg & Blair, 2009).

²⁶ A tradição, pode ser mantida no sistema conjugal, pois projecta a transmissão de valores da família de origem (Lind, 2008), neste caso a tradição cultural baseada na sexualidade masculina como padrão.

3.4. Análise das categorias mais salientes em diversas fases do ciclo de vida

De forma a facilitar a leitura interpretativa dos dados relativos à idade, a amostra total foi dividida em três faixas etárias (Grühn, Gilet, Studer, & Laboubie-Vief, 2011): jovens adultos (20-35 anos), adultos (35-50 anos) e adultos meia-idade (+50 anos)²⁷.

Significações da Relação Sexual X Faixa Etária

A categoria com mais saliência nesta amostra evidenciou igualmente maior relevância em todas as faixas etárias em estudo. A componente Prazer destacou-se no total das idades, sendo mais saliente na faixa dos jovens adultos (47%). Também a Intimidade se destacou em todas as idades, particularmente na faixa dos jovens adultos (35%). Nas componentes de intimidade não houve diferenças relevantes entre os aspectos, sendo a Mutualidade a componente mais referenciada em todas as faixas (25%, 19% e 22%, respectivamente).

Os aspectos relativos ao corpo (categoria Corporal) surgem também em todas as faixas etárias, tendo maior frequência nos adultos (20%) e adultos de meia-idade (18%) - sendo nesta última faixa etária, o componente corporal Orgasmo o mais referenciado (14%), enquanto nos adultos (35-50 anos) o mais relevante é o Desempenho (8%). Para a faixa etária dos jovens adultos, o Bem-Estar assume maior relevo (17%) comparativamente às restantes idades, o que poderá ser associado ao pressuposto de diversos estudos que indiciam a juventude como um preditor de bem-estar (Gurin, Veroff, & Feld, 1960 cit. por Diener & Ryan, 2008). No entanto estudos mais recentes evidenciaram que o bem-estar e a satisfação com a vida tendem a aumentar com a idade, principalmente entre os 40 e os 65 anos (Mroczek & Spiro, 2005). O Desejo Sexual foi mais referenciado pelos indivíduos adultos (17%) e pelos adultos de meia-idade (18%), apesar de outros estudos terem constatado um decréscimo no desejo e satisfação sexuais com o avançar da idade (Chao et al., 2011). Nas idades compreendidas entre os 35 e 50 anos, as categorias Bem-Estar e Frequência da relação sexual surgem com igual peso (13%), evidenciando uma saliência maior da Frequência da Relação nesta faixa etária comparativamente com as outras (7% e 6%, respectivamente).

²⁷ As percentagens neste subcapítulo referem-se ao total de participantes em cada universo seleccionado – jovens adultos, adultos e adultos a partir da meia-idade (com idade superior a 50 anos), respectivamente. Consultar Apêndice IX.

Significações Relação Conjugal X Faixa etária

Esta categoria na amostra de jovens adultos destacou-se (39%), assim como nas restantes idades (30% e 36%, respectivamente). No que respeita às subcategorias, a Afetividade foi aquela que se evidenciou no universo dos jovens adultos (19%) e nos adultos (20%), enquanto na faixa a partir da meia-idade se destacou a Mutualidade (10%). O aspecto Bem-Estar Global na relação conjugal foi referenciado pela população com mais de 50 anos com mais frequência (10%), relativamente às restantes idades (5% nos jovens adultos e 8% nos adultos).

A componente Ausência de Conflitos foi referenciada apenas por 2% da amostra com mais de 50 anos, por menos de 0.5% na amostra de indivíduos adultos (35-50 anos) e não foi referido na amostra de jovens adultos. Isto poderá indiciar que a ausência de conflitos, apesar de descrita como uma componente relacional relevante na avaliação da satisfação sexual (Haning et al., 2007), não constitui uma forte significação para a satisfação sexual, na amostra em estudo, em nenhuma idade.

Características Pessoais e Ambiência X Faixa etária

Transversalmente a todas as idades, a categoria Ambiência evidenciou uma baixa frequência de respostas, com 2% nos jovens adultos e 4% nas restantes faixas etárias.

A categoria Características pessoais teve uma maior frequência de respostas na amostra de adultos dos 20 aos 25 anos (14%) comparativamente com as de outras idades, o que converge no sentido de outros estudos em que as idades mais jovens são vistas como portadoras de características mais positivas (Grühn et al., 2011). As características referentes ao Outro foram as menos referidas por sujeitos de todas as idades. Nas características relativas ao Próprio houve a mesma frequência nos jovens adultos e adultos de meia-idade (10%), sendo estas inferiores à frequência nos adultos (13%). Destas, as Emocionais destacaram-se nos jovens adultos (9%) e meia-idade (11%), e na amostra com mais de 50 anos destacaram-se as características físicas (10%).

3.5. Análise das Significações de Satisfação Sexual na população com vs sem dificuldade no Funcionamento Sexual²⁸

Numa análise comparativa entre o universo com dificuldade sexual e sem dificuldade da amostra total, verificou-se a mesma saliência de categorias superiores, sendo a categoria Relação Sexual a mais frequente na população com dificuldade (96%) e também na população sem dificuldade (82%). Ao explorar as componentes das categorias encontraram-se algumas diferenças nas significações das duas populações específicas em estudo.

Relação Sexual X Funcionamento sexual

Na categoria mais saliente, em ambas as amostras de funcionamento sexual – com dificuldade e sem dificuldade sexual; destacou-se a componente Prazer – tendo esta um maior peso percentual na população com dificuldade (48%)²⁹ comparativamente com a população sem dificuldade (40%). O mesmo acontece na Intimidade com pesos percentuais de 41% e 32% para a população com e sem dificuldade, respectivamente. Quanto às componentes de intimidade na relação sexual, na amostra com dificuldade Mutualidade e Partilha tiveram a mesma frequência (27%) enquanto na amostra sem dificuldade se destacou a componente Mutualidade (22%) e a Partilha (17%) não foi tão mencionada.

Entre estas duas populações, foram evidenciadas duas diferenças na categoria Corporal. A primeira prende-se com esta ter uma maior relevância na amostra com disfunção (22%) comparativamente à outra (16%); a segunda com o facto de o aspecto relativo ao corpo mais relevante na população com dificuldade ser o Desempenho (11%) enquanto na amostra sem dificuldade foi o Orgasmo (10%). Este facto pode ser um indício da importância do corpo em bom funcionamento para a satisfação sexual, sendo para os indivíduos com dificuldades no funcionamento sexual relevante o papel do desempenho na satisfação sexual (Guo & Huang, 2005).

²⁸ Foi realizada uma análise interpretativa relativa à indicação da presença de algum tipo de dificuldade sexual pelos participantes, sendo importante considerar que neste estudo não se teve acesso ao possível diagnóstico de disfunção sexual de algum dos participantes.

²⁹ As percentagens referidas neste subcapítulo prendem-se com o universo de respostas na amostra total, de indivíduos com dificuldade e sem dificuldade, respectivamente. Consultar Apêndice X.

(“Sentir prazer com os carinhos/toque do meu cônjuge e; no acto sexual em si. proporcionar prazer ao meu cônjuge com o meu toque/carinho.”)

(Exemplo resposta Desempenho, indivíduo com dificuldade sexual)

No que concerne a estas duas amostras específicas, o Desejo Sexual obteve uma maior relevância como significação da amostra com dificuldade (20%) comparativamente com a outra (14%).

Relação Conjugal X Funcionamento Sexual

No total de respostas desta categoria não houve diferenças entre as populações em análise, sendo que em ambas as populações a Intimidade foi a componente mais saliente (25% e 28%, para indivíduos com e sem dificuldade). Também para ambos os universos de funcionamento sexual a componente Afectividade se evidenciou (14% e 16%, respectivamente) assim como a Mutualidade com igual frequência (11%). Verificou-se, no entanto, um destaque da componente Apoio na amostra com dificuldade (5%), apesar de este não ser dos factores mais relevantes no total de participantes. Estes resultados apontam para um maior relevo do apoio em indivíduos que sentem algum tipo de dificuldade sexual.

Ambiência e Características Pessoais X Funcionamento Sexual

Nas categorias menos salientes da amostra total verificaram-se diferenças mínimas entre ambas as populações relativas ao funcionamento sexual, ambas indicam pouca saliência na Ambiência (5% e 2%). Os aspectos relativos a características pessoais tiveram maior peso nas respostas da amostra sem dificuldade sexual (13%) do que na outra (8%). Todos os indivíduos que referiram as características pessoais, mencionaram maioritariamente as características do Próprio; na amostra com dificuldade não se evidenciaram diferenças entre Emocionais e Físicas (6% para ambas), enquanto na amostra sem dificuldade sexual, destacaram-se as características Emocionais (10%). Não foram encontradas mais diferenças significativas nesta amostra.

Da análise interpretativa realizada pode-se evidenciar a relevância de significações que traduzem aspectos da actividade sexual e aspectos da relação conjugal, associados à satisfação sexual (Byers, 2005; Litzinger & Gordon, 2005; Trudel, 2002; Young et al., 1998). Os aspectos relacionados com a relação sexual foram

os mais associados com a definição de satisfação sexual, nesta amostra. Além do evidente relevo destas categorias, pode-se ainda constatar que aspectos sexuais como o Prazer têm uma importância em todas as faixas etárias, em todos os níveis de funcionamento sexual e em ambos os sexos (Richters, 2009). Também a Intimidade foi uma componente que sobressaiu, tanto em relação à actividade sexual como à relação conjugal. Assim, a intimidade, quer emocional quer física, constitui um importante alicerce nas significações de satisfação sexual em conjugalidade (Sanderson et al., 2007; Patrick et al., 2007; Narciso, 2001).

Também as significações de Relação Conjugal foram relevantes na amostra em estudo. De destacar, particularmente, o universo feminino da amostra, uma vez que grande parte desta referiu aspectos da relação conjugal como pertinentes na satisfação sexual. A relação entre satisfação sexual e relação conjugal parece ser positiva e consistente (Trudel, 2002; Young et al., 1998; Byers, 2005). No entanto, como referido ao longo deste trabalho, seria importante explorar qual a influência ou peso de uma na outra, e averiguar a sua relação de mutualidade (Graham et al., 2011).

Outro aspecto que se evidenciou foi a elevada referência de aspectos de desempenho na amostra com dificuldade sexual e a referência do desejo sexual nas idades mais avançadas, mesmo quando na literatura se revela uma diminuição do desejo ao longo da idade (Chao et al., 2011). Este facto poder-se-á prender, em sujeitos com dificuldade sexual ou a incapacidade de sentir desejo, com processos cognitivos de associação de conceitos presentes em memória. Especificamente, a presença vívida em memória destas representações poderia, mediante um processo semelhante à própria heurística da acessibilidade (Tversky & Kahneman, 1974) ou ao processo de activação semântica, originar a sua activação quando se fala de satisfação sexual. Sendo os aspectos relativos à dificuldade sexual ou ausência de desejo passíveis de uma investigação mais aprofundada, propõe-se uma análise dos níveis quantitativos de desejo e satisfação sexual, nas amostras específicas, de modo a operacionalizar e explorar as significações mais relevantes para os sujeitos com dificuldade sexual ou ausência de desejo.

Tendo em conta a análise realizada, e de modo a atribuir algum sentido às significações encontradas e a sua relevância na amostra, pareceu profícuo explorar as associações mais relevantes entre as categorias emergentes nos resultados em análise.

Dada a natureza dos resultados e metodologia utilizada ao longo desta investigação, não nos é possível estabelecer correlações entre as categorias, no entanto

destacam-se algumas associações entre categorias superiores e consequentemente entre alguns factores constituintes. Para compreender quais as categorias que estão associadas nas significações em estudo, foi feita uma análise das categorias superiores que foram mais frequentemente codificadas em conjunto³⁰. Como seria expectável, com base na revisão teórica (Trudel, 2002; Byers, 2005; Young et al., 1998) e na análise realizada, a Relação Sexual e a Relação Conjugal estão associadas, havendo também associação entre a categoria Características Pessoais e Relação Sexual; e entre Ambiência e Características Pessoais. As associações da Relação Sexual com a Relação Conjugal e em menor relevo com as Características Pessoais fazem sentido à luz de estudos empíricos que evidenciaram a importância das qualidades interpessoais e afectivas na experiência de orgasmo (Mah & Binik, 2005). Ainda segundo estes autores, o prazer proveniente do orgasmo e a satisfação estão mais relacionados com características psicológicas e psicossociais da experiência subjectiva do orgasmo que a características sensoriais. Assim como alguns estudos nos indicam, características pessoais como orientação para o perfeccionismo e expectativas de uma relação perfeita têm influência na avaliação da satisfação sexual (Habke et al., 1999).

Perante a análise dos resultados obtidos, pode-se constatar a existência de categorias conceptuais mais associadas a satisfação sexual para os indivíduos constituintes da amostra total, mas também dos universos específicos analisados. Partindo da complexidade da temática mas também do mundo experiencial de cada indivíduo, há que considerar que as respostas são multi-conceptuais, ou seja, cada resposta, a nível interpretativo, poderia representar uma ou mais das categorias emergentes indicadas, sendo possível uma variada combinação de significações.

A saliência de significações relativas à Relação Sexual, numa avaliação subjectiva sobre a experiência sexual, confirma a operacionalização conceptual da categoria. Também o relevo das significações de Relação Conjugal contribui para a consolidação do conhecimento existente na área da investigação em satisfação sexual (Byers, 2005; Trudel, 2002; Young et al., 1998; Yeh et al., 2006). No mapeamento de diferenças entre amostras específicas diversas, como era o objectivo do presente estudo, considero que algumas vão de encontro ao enquadramento teórico e outras que podem levar a alguma reflexão sobre a origem e natureza das significações. Destacou-se o relevo de significações de Relação Conjugal para as mulheres, de significações

³⁰ Para consulta de diagrama relativo à associação de categorias superiores, ver Apêndice XI.

associadas a Características Pessoais para os jovens adultos e para indivíduos sem disfunção – este facto poder-se-á prender com as limitações da amostra, uma vez que a maioria está na faixa etária dos jovens adultos (56%) e sem dificuldade sexual (87%), sendo esta última tendencialmente associada a idades mais tardias (Pechorro et al., 2010; Gralla et al., 2008); mas também a baixa frequência da significação Ambiência transversalmente a toda a amostra.

Além das diferenças nas categorias superiores, surgiram também nas subcategorias aspectos relevantes no mapeamento das significações mais importantes na satisfação sexual. Nas significações de Relação Sexual, o Prazer foi saliente na totalidade da amostra, contribuindo como uma significação importante na representação de satisfação sexual. Também a Intimidade, tanto na Relação Sexual como na Relação Conjugal, se destacou na totalidade da amostra e análises específicas realizadas. Este facto por um lado relaciona estas duas categorias que conceptualmente estão associadas (intimidade física e emocional, como referem Patrick e colaboradores (2007)), mas por outro associa diferentes *fiões* ou componentes da intimidade como significações relevantes para o conceito em estudo, com maior ou menor relevo. Nas significações de Relação Sexual, a categoria Corporal também constitui uma significação relevante, apesar das diferenças entre pessoas com dificuldade e sem dificuldade sexual. Com este resultado, pode-se inferir a importância de explorar esta temática através do estudo do corpo e dos seus processos, uma vez que a base desta entre outras investigações na área (Byers, 2005; MacNeil & Byers, 2009), é a avaliação subjectiva da experiência que é interpretada e reportada pelo próprio sujeito - teria interesse para futuras investigações aprofundar os aspectos relacionados com o corpo e a experiência sexual (Richters, 2009; Jackson & Scott, 2010). Na Relação Conjugal, além da elevada saliência da Intimidade referida anteriormente, destacou-se a significação de Bem-Estar Global, sendo possível constatar a associação conceptual e teórica, do bem-estar subjectivo e satisfação (Diener & Ryan, 2008), sendo estes conceitos fundamentados nas avaliações subjectivas da experiência de cada indivíduo.

Limitações

Nesta investigação pretendia-se mapear as diferenças entre populações feminina e masculina, jovens adultos, adultos e idosos a partir da meia-idades, e indivíduos com dificuldade e sem dificuldade sexual. Por conseguinte, a análise dos dados que foi realizada, relativamente a todas as categorias, teve como linha orientadora a análise do

total de cada população específica e não o número de respostas obtidas em cada categoria. Uma vez que as categorias em estudo não são mutuamente exclusivas, a frequência de respostas em cada uma delas, não corresponde ao total de indivíduos. Isto faz com que a validade matemática seja posta em causa, mas com o objectivo deste estudo qualitativo orientado para as diferenças entre populações, a lógica seguida pareceu a que melhor se ajustava.

Neste tipo de metodologia qualitativa, tendo em conta a subjectividade dos dados e do próprio investigador na extracção de uma teoria dos dados, seria relevante a existência de uma análise conceptual das respostas por um júri diferente, de forma a conferir que as categorias criadas e analisadas no estudo têm fundamentação tanto nos dados como na teoria da área. Também devido ao tipo de metodologia, torna-se impossível retirar qualquer generalização para a população, no entanto é relevante considerar as contribuições na construção de uma base de conhecimento sobre as peças mais relevantes na construção da sexualidade satisfatória.

Conclusão

Assim, pode-se concluir com a presente investigação que para a definição de satisfação sexual contribuem uma multiplicidade de factores, sejam individuais, ambientais, relacionais ou sexuais. Estes poderão concorrer, de forma não linear, para a representação da experiência subjectiva de sexualidade. Baseando-nos na metáfora do *puzzle* poderemos sugerir que cada factor e seus componentes constituem peças de natureza variável, cambiáveis pela experiência, avaliação subjectiva e história de cada um. As diferentes peças disponíveis serão as diversas significações encontradas nesta e noutras investigações na área (Byers, 2005; Litzinger & Gordon, 2005; Sprecher, 2002; Young et al., 1998; entre outros), é possível afirmar que para cada pessoa, considerando a sua complexidade individual e relacional (Morin, 2001), diferentes combinações das peças poderão ser utilizadas de modo a criar um *puzzle* da experiência subjectiva individual. Essas peças podem ser partilhadas, combinadas, alteradas quer entre diversas pessoas, quer pela mesma pessoa nas suas diferentes circunstâncias e fases do ciclo de vida.

Compete à investigação nesta área explorar as peças/significações e a sua relação, de forma a convergir para a compreensão da satisfação sexual, tentando decifrar as figuras aproximadas que surgem nos *puzzles* da população.

Implicações da presente investigação e para o futuro

Satisfação sexual implica uma avaliação subjectiva de uma experiência subjectiva (Byers, 2005), contudo sabemos que mais importante que a experiência em si é a interpretação que é feita dessa mesma experiência. Neste estudo, o enfoque foi colocado nessa mesma representação mental da experiência sexual, e quais as significações mencionadas em resposta aberta. Seria relevante, para futuras investigações nesta área, a utilização de outro tipo de análise, uma vez que se poderia constatar a relevância de certas categorias para a satisfação sexual, ou até mesmo quais as combinações mais frequentes nas significações de satisfação sexual.

Na evolução da investigação, foi inevitável reflectir sobre a possível distinção de tipos de coabitação, como matrimonial ou união de facto, uma vez que consoante o tipo de relação de coabitação variam os objectivos de relação e o nível de compromisso (Mynarska & Bernardi, 2006; Regan, 1998) e a avaliação relativa à satisfação conjugal (Wylick, 2007), onde será inserida a componente estabilidade relacional (Sprecher, 2002). Todos estes factores poderiam ser explorados, numa investigação sobre as significações de casais em coabitação, considerando-os um sistema relacional diferenciado e específico.

Seria interessante analisar as respostas dos casais, uma vez que o foco de investigação é a natureza diádica de experiências sexuais entre casais (Butzer & Campbell, 2008). Parece pertinente explorar também as significações relevantes para a satisfação sexual em ambos os envolvidos na relação, de modo a compreender também as expectativas e prioridades na relação conjugal sobre a experiência sexual, sabendo *a priori* a importância da interacção destes factores. Sabendo que cada vez mais, diferentes culturas se interligam em sistemas conjugais (Lind, 2008), seria relevante explorar as significações de casais monoculturais e biculturais.

Uma vez que a investigação nesta área é feita em paralelo em vários locais do mundo, e conhecendo-se as contribuições de aspectos sociais para a satisfação com a vida geral, conjugal e sexual, seria interessante realizar um estudo transcultural sobre as significações mais relevantes em culturas diferentes, como por exemplo culturas onde predomina a monogamia e outras onde a poligamia é a prática mais enraizada.

Seria igualmente interessante, explorar as significações ou peças do *puzzle* na população LGBT, de forma a mapear semelhanças e diferenças entre orientações sexuais mas também a influência social e cultural nessas mesmas significações.

Ao longo da análise realizada, tornou-se pertinente analisar as diferentes populações combinadas, visto que poderão haver diferenças nos resultados das diferenças de sexo em relação à idade, mas também diferenças de idade relativamente ao funcionamento sexual (Gralla et al., 2008), estas não foram mapeadas no presente estudo, uma vez que na presente amostra o número de indivíduos com disfunção sexual representa apenas 12% da amostra total, e os adultos com mais de 50 anos surgem em apenas 7%, e também não se prende directamente com as questões de investigação iniciais.

Será relevante, em investigações futuras, trabalhar a conceptualização de conceitos ligados à experiência corporal em si, como por exemplo o prazer, o orgasmo e a excitação. Talvez a partir de uma continuação da pergunta realizada no estudo, pedindo aos indivíduos para justificarem a sua resposta fosse possível por exemplo compreender se sempre que a excitação é referida é-o ao mesmo nível conceptual. No sentido de aprofundar o conhecimento e a compreensão relativa a esta temática, uma vez que partindo desta pequena investigação qualitativa obtiveram-se resultados que fariam mais sentido após uma operacionalização dos conceitos, através de um estudo quantitativo das medidas de satisfação sexual e de satisfação conjugal – mediante o cruzamento de dados quantitativos e qualitativos, com a aplicação do questionário IEMSS (*Interpersonal Exchange Model for Sexual Satisfaction*) ou das medidas gerais de satisfação sexual (GMsex) e relacional (GMrel); ou ainda do questionário SKIM (*Sexual Knowledge and Influence Model*) por exemplo, com a devida validação na população portuguesa; de forma a obter níveis quantitativos de satisfação sexual (Byers & MacNeil, 2006; Byers & Demmons, 1999; Renaud et al, 2007; Lawrence & Byers, 1995; Metts & Spitzberg, 1996). Ao analisar os resultados a nível da satisfação sexual e da comunicação sexual do casal, pode-se aprofundar o conhecimento ao nível das significações mais relevantes para indivíduos satisfeitos e insatisfeitos, conjugal e sexualmente. Podendo, assim, complementar o conhecimento actual na área da satisfação sexual.

Uma importante consequência do aprofundamento da investigação em satisfação sexual, seria contribuir para a construção de uma base de conhecimento, a explorar com o intuito de incrementar planos de intervenção e desenvolvimento de estratégias de auxílio na dificuldade ou disfunção sexual. Uma vez que estas poderão derivar de um funcionamento não normal de outras áreas de influência da sexualidade, como os aspectos relacionais, individuais, orgânico/fisiológicos ou contextuais.

Referências Bibliográficas:

- Aboim, S. (2006). Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. *Análise Social*, 151(180), 801-825.
- Alarcão, M. (2006). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto editora.
- American Psychiatric Association. (2000). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (4th ed., text revision). Washington, DC: Author.
- Aron, A. & Aron, E. (1991). Love and Sexuality. In K. McKinney & S. Sprecher (Eds). *Sexuality in Close Relationships*, 25-48. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Balon, R., Segraves, R.T., & Clayton, A. (2007). Issues for DSM-V: Sexual Dysfunction, Disorder, or Variation along normal distribution: toward rethinking DSM criteria of sexual dysfunctions. *The American Journal of Psychiatry*, 198-200.
- Bersheid, E. (2006). Seasons of the Heart. In M. Mikulincer & P. Shaver (Eds). *Dynamics of Romantic Love: Attachment, caregiving, and sex* (pp. 404-422). New York: Guilford.
- Bhugra, D. (2004). Literature review: a critical update. *Sexual and Relationship Therapy*, vol 19, No.1.
- Brody, S., & Costa, R. (2009). Satisfaction (Sexual, life, relationship, and mental health) is associated directly with penile-vaginal intercourse, but inversely with other sexual behavior frequencies. *Journal of Sexual Medicine*, 1947–1954.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University.
- Butzer, B. & Campbell, L. (2008). Adult Attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A Study of Married Couples. *Personal Relationships*, 15, 141-154.
- Byers, S.E. (2005). Relationship Satisfaction and Sexual Satisfaction: A longitudinal study of individuals in long-term relationships. *The Journal of Sex Research*, 42(2), 113-118.
- Byers, S. (2011, Abril). Sexual Satisfaction in Romantic Relationships: 25 years of Research apresentada na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

- Byers, S. E. & Demmons, S. (1999). Sexual satisfaction and sexual self-disclosure within dating relationships. *The Journal of Sex Research*, 36(2), pp. 180-189.
- Byers, S. & MacNeil, S. (2006). Further validation of the interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 32, 53-69.
- Caillé, P. (1991). *Un et un font trois - Le couple révélé à lui-même*. Paris: ESF.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Carvalho, J. & Nobre, P. (2010). Gender issues and sexual desire: The role of emotional and relationship variables. *Journal of Sex Medicine*, 7, 2469-2478.
- Charmaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage.
- Chao, J-K., Lin, Y-C., Ma, M-C, Lai, C-J., Ku, Y-C, Kuo, W-H, & Chao, I-C. (2011). Relationship among sexual desire, sexual satisfaction, and quality of life in middle-aged and older adults. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37(5), 386-403.
- Creswell, J.W. (1998). *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing among five traditions*. London: Sage.
- Daly, K.J. (2007). *Qualitative Methods for Family Studies & Human Development*. London: Sage.
- Diener, E. & Ryan, K. (2008). Subjective well – being: a general overview. *South African Journal of Psychology*, 39(4), 391-406.
- Erbert, L.A., & Duck, S. W. (1997). Rethinking satisfaction in personal relationships. In Sternberg, R.J., & Hojjat, M. (Eds). *Satisfaction in Close Relationships*. (190-218). New York: The Guilford Press.
- Fincham, F.D., & Beach, S. R. H. (2006). Relationship Satisfaction. In Vangelisti, A. L., & Perlman, D. (Eds). *The Cambridge Handbook of Personal Relationships* (pp. 579-594). New York: Cambridge University Press.
- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., & Thomas, G. (2000). Ideals, perceptions, and evaluations in early relationship development. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 933-940.

- Gaia, C. A. (2002). Understanding Emotional Intimacy: A review of conceptualization, assessment and the role of gender. *International Social Science Review*, 77(3/4), 151-171.
- Garcia, A.L.A.A; & Cano, D.S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 143-156.
- Glaser, B., & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory*. New York: Aldine Publishing Company.
- Graham, J., Diebels, K. & Barnow, Z. (2011). The reliability of relationship satisfaction: A Reliability Generalization Meta-Analysis. *Journal of Family Psychology*, 2011, vol. 25, No.1, 39-48.
- Gralla, O., Knoll, N., Fenske, S., Spivak, I., Hoffman, M., Ronnebeck, c., Lenk, S., Hoschke, B., & May, M. (2008). Worry, desire, and sexual satisfaction and their association with severity of ED and age. *Journal of Sexual Medicine*, 5, 2646-2655.
- Greene, K., & Faulkner, S. L. (2005). Gender, Belief in the Sexual Double Standard, and Sexual Talk in Heterosexual Dating Relationships. *Sex Roles*, 53, 239-251.
- Grühn, D., Gilet, A-L., Studer, J., & Labouvie-Vief, G. (2011). Age-Relevance of person characteristics: Persons' beliefs about development change across the lifespan. *Development Psychology*, 47(2), 376-387.
- Guo, B. & Huang, J. (2005). Marital and sexual satisfaction in Chinese families: Exploring the moderating effects. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 31, 21-29.
- Haberman, H.R. (2009). *Online research methods among family scientists: The diffusion of an innovation*. (Dissertação, Universidade do Minnesota, 2009). Resumo consultado em 16 de Agosto de 2010 na base de dados Dissertation Abstracts International.
- Habke, A., Hewitt, P. L., & Flett, G. (1999). Perfectionism and Sexual Satisfaction in Intimate Relationships. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 307-320.
- Hanin, R.V., O'Keefe, S.L., Randall, E. J., Kommor, M.J., Baker, E., & Wilson, R. (2007). Intimacy, orgasm likelihood, and conflict predict sexual satisfaction in heterosexual male and female respondents. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 33, 93-113.

- Hazan, C. & Shaver, P. (1987) Romantic Love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Holmberg, D., & Blair, K.L. (2009). Sexual desire, communication, satisfaction and preferences of men and women in same-sex versus mixed-sex relationships. *Journal of Sex Research*, 46(1), 57-66.
- Holmberg, D.; Blair, K.L., & Phillips, M. (2010). Women's sexual satisfaction as a predictor of well-being in same-sex versus mixed-sex relationships. *Journal of Sex Research*, 46(1), 1-11.
- Hutchison, A.J.; Johnston, L. H.; & Breckon, J.D. (2010). Using QSR-NVivo to facilitate the development of a grounded theory project: an account of a worked example. *International Journal of Social Research Methodology*, 13, 283 — 302
- Jackson, S. & Scott, S. (2010). *Theorizing Sexuality*. Londres: The McGraw Hill Companies.
- Johnson, S. L. (2010). *Individual and interdependent analyses of relational maintenance, sexual communication, and marital quality*. (Dissertação, Universidade do estado de Arizona). Consultada em 20 de Julho de 2011 na base de dados Dissertation Abstracts International.
- Kraut, R.; Olson, J.; Banaji, M.; Bruckman, A.; Cohen, J.; & Couper, M. (2004). Psychological Research Online report of board of scientific affairs' advisory group on the conduct of research on the internet. *American Psychologist*, 59(2), 205-117.
- Laurenceau, J-P. , Rivera, L. M., Schaffer, A., & Pietromonaco, P. R. (2004). Intimacy as an interpersonal process: Current status and future directions (pp. 61-78). In D. Mashek & A. Aron (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Lawrence, K.-A., & Byers, E.S. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Personal Relationships*, 2, 267-285.
- Lawrence, E.L., Rothman, A., Cobb, R.J., & Bradbury, T.N. (2009). Changes in marital satisfaction across the transition to parenthood: Three eras of research. In M. Schulz, M.K. Pruett, P.Kerig, & R.D. Parke (Eds.), *Feathering the nest: Couple relationships and interventions that promote*

- healthy child development*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Levine, S. B. (2002). Re-exploring the concept of sexual desire. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 28, 39-51.
- Lincoln, Y.S., & Guba, E.G. (2000). Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (Eds). *The Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lind, W. (2008). *Casais Biculturais e Monoculturais: Diferenças e recursos*. Tese de doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Litzinger, S. & Gordon, K.C. (2005). Exploring relationships among communication, sexual satisfaction, and marital satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 31, 409-424.
- Lopez, J.L.; Riggs, S.A.; Pollard, S.E.; & Hook, J.N. (2011). Religious Commitment, Adult Attachment, and Marital Adjustment in Newly Married Couples. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 301-309.
- Mah, K., & Binik, Y.M. (2005). Are orgasms in the mind or the body? Psychosocial versus physiological correlates of orgasmic pleasure and satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*. 31, 187-200.
- MacNeil, S. & Byers, E.S. (2009). Role of Sexual Self-Disclosure in the Sexual Satisfaction of Long-Term Heterosexual Couples. *Journal of Sex Research*, 46(1), 3-14.
- McCabe, M. P. (2006). Satisfaction in marriage and committed heterosexual relationships: past, present, and future. *Annual Review of Sex Research*, 17, 39-58.
- McCarthy, B. (2003). Marital Sex as It Ought to Be. *Journal of Family Psychotherapy*, 14(2), 1-11.
- McNulty, J.K., Russel, V.M. (2010). When “negative” behaviors are positive: A contextual analysis of the long-term effects of problem-solving behaviors on changes in relationship satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98(4), 587-604.
- Metz, M. E., McCarthy, B. W. (2007). The “Good-Enough Sex” model for couple sexual satisfaction. *Sexual and Relationship Therapy*, 22 (3), 351-362.

- Metts, S. & Spitzberg, B. H. (1996). Sexual communication in interpersonal contexts: A script-based approach. In B.R. Burleson (Eds) *Communication Yearbook 19*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Mitnick, D.; Heyman, R. & Slep, A. (2009). Changes in Relationship Satisfaction Across the Transition to Parenthood: A Meta-Analysis. *Journal of Family Psychology*, 848-852.
- Moret, L.B, Glaser, B.A., Page, R.C., & Bargerion, E.F. (1998). Intimacy and sexual satisfaction in unmarried couple relationships: A pilot study. *The Family Journal*, 6, 33-39.
- Morin, E. (2001). El método V. *Multiversidad Mundo Real* Edgar Morin
- Morokoff, P.J. & Gilliland, R. (1993). Stress, Sexual Functioning, and Marital Satisfaction. *Journal of Sex Research*, 30 (1), 43-53.
- Mroczek, D.K., & Spiro, A., III. (2005). Change in life satisfaction during adulthood: Findings from the Veterans Affairs Normative Aging Study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, 189-202.
- Mynarska, M. & Bernardi, L. (2006). *Meanings and Attitudes to Cohabitation in Poland: Qualitative analyses of the slow diffusion of cohabitation among the young generation*. Max Planck Institute for Demographic Research.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas, mas não perfeitas: À procura do padrão que liga*. Tese de doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I.; Costa, M. & Pina Prata, F. (2002). Intimidade e compromisso pessoal ou “Aquilo que pode fazer com que o casamento funcione”. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 36, 67-88.
- Narciso, I. & Ribeiro, M.T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Nelson, A. L., & Purdon, C. (2011). Non-Erotic thoughts, attentional focus, and sexual problems in a community sample. *Archives of Sexual Behavior*, 40(2), 395-406.
- Nichols, L. (2008). Putting the New View Classification Scheme to an Empirical Test. *Feminism & Psychology*, 18(4), 515-526.

- Patrick, S., Sells, J. N., Giordano, F. G., & Tollerud, T. R. (2007). Intimacy, Differentiation, and Personality Variables as Predictors of Marital Satisfaction. *Family Journal*, 15(4), 359-367.
- Pechorro, P., Diniz, A., & Vieira, R. (2010). Funcionamento sexual e ciclo-de-vida em mulheres portuguesas. *Analise Psicológica*, 665-681.
- Perel, E. (2008). *Mating in Captivity: Reconciling the erotic and the domestic*. New York: HarperCollins.
- Regan, P.; Levin, L.; Sprecher, S.; Christopher, F.S.; & Cate, R.(2000). Partner Preferences: What characteristics do men and women desire in their short-term sexual and long-term romantic partners?. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 12(3), 1-21.
- Reis, H. T., & Shaver, P. R. (1988). Intimacy as an interpersonal process. In S. Duck (Ed.), *Handbook of research in personal relationships* (pp. 367-389). London, England: Wiley.
- Reis, H.; Collins, W.A., & Berscheid, E. (2000). Relationship context of human behavior and development. *Psychological Bulletin*, 26 (6), 844-872.
- Reja, U., Manfred, K. L., Hlebec, V., & Vehovar, V. (2003). Open-ended vs. Close-ended Questions in Web Questionnaires. In A. Ferligoj & A. Mrvar (Eds). *Developments in Applied Statistics*. Ljubljana: FDV.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família – Perspectiva sistémica*. (3ªEd.). Porto: Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento.
- Renaud, C., Byers, E. S. & Pan, S. (1997). Sexual and relationship satisfaction in Mainland China. *The Journal of Sex Research*, 34, 399-410.
- Rennie, D. L. (2001). Grounded theory methodology as methodological hermeneutics: Reconciling realism and relativism. In J. Frommer & D.L. Rennie (Eds). *Qualitative psychotherapy research: methods and methodology* (pp. 32-49). Lengerich: PABST Science.
- Richters, J. (2009). Bodies, pleasure, and displeasure. *Culture, Health & Sexuality*, 11(3), 225-236.
- Sampaio, D, & Gameiro, J. (1985). *Terapia Familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sanderson, C.A., & Karetsky, K.H.(2002). Intimacy goals and strategies of conflict resolution in dating relationships: A mediational analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19(3), 317-337.

- Sanderson, C.A., Keiter, E.J., Miles, M.G, & Yopyk, D.J.A. (2007). The association between intimacy goals and plans for initiating dating relationships. *Personal Relationships*, 14, 225-243.
- Sarason, B. R., & Sarason, I. (2006). Close Relationships and Social Support: Implications for the measurement of social support. In Vangelisti, A. L., & Perlman, D. (Eds). *The Cambridge Handbook of Personal Relationships*. (pp. 429-444) New York: Cambridge University Press.
- Schwandt, T. A. (2000). Constructivist, interpretivist approaches to human inquiry. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (2th ed.) (118-137). Thousand Oaks: Sage.
- Skyler, J. & Bayer, C. R. (2010). Lesson Plan - Eight Spheres of Intimacy. *American Journal of Sexuality Education*, 5, 290-299.
- Smith, A.; Lyons, A.; Ferris, J.; Richters, J.; Pitts, M.; Shelley, J.; & Simpson, J.M. (2011). Sexual and Relationship Satisfaction among Heterosexual Men and Women: the importance of desired frequency of sex. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37(2), 104-115.
- Sprecher, S. (2002). Sexual Satisfaction in Premarital Relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *Journal of Sex Research*, 39 (3), 190-196.
- Sprecher, S. & Cate, R. (2004). Sexual satisfaction and sexual expression as predictors of relationship satisfaction and stability. In J. H. Harvey, A Wenzel, & S. Sprecher (Eds) *The Handbook of Sexuality in Close Relationships*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sprecher, S.; Christopher, F. S. & Cate, R. (2006). Sexuality in Close Relationships. In A. L., Vangelisti & D., Perlman (Eds). *The Cambridge Handbook of Personal Relationships*. (pp.463-482) New York: Cambridge University Press.
- Stephenson, K., & Meston, C. (2010). Differentiating components of sexual well-being in women: are sexual satisfaction and sexual distress independent constructs? *Journal of Sexual Medicine* , 2458–2468.
- Stiles, W. B. (1993). Quality control in qualitative research. *Clinical Psychology Review*, 13, 593-618.

- Strauss, A. & Corbin, J. (2000). Grounded Theory Methodology. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (2th ed.) (pp. 273-285). Thousand Oaks: Sage.
- Tani, F. & Steca, P. (2007). Soddisfazione di coppia e benessere della persona: Determinanti personali e relazionali. *Età Evolutiva*, no 86. , 67-76. Itália: Giunti Gruppo Editoriale SPA.
- Trudel, G. (2002). Sexuality and marital life: Results of a survey. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 229-249.
- Tversky, A. & Kahneman, D. (1974). Judgement under uncertainty: Heuristics and biases. *Science*, 185, pp. 1124-1131
- Wydick, B. (2007). Grandma was Right: Why cohabitation undermines relational satisfaction, but is increasing anyway. *Kyklos*, 60(4), 617-645.
- Yeh, H-C.; Lorenz, F.O.; Wickrama, K.A.S.; Conger, R.D. & Elder, G.H. (2006). Relationships among Sexual Satisfaction, Marital Quality, and Marital Instability at Midlife. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 339-343.
- Yela, C. (2000). *El amor desde la psicología social*. Madrid: 2000.
- Young, M., Luquis, R., Denny, G. & Young, T. (1998). Correlates of sexual satisfaction in marriage. *Canadian Journal of Human Sexuality*, 7(2), 115 – 127.